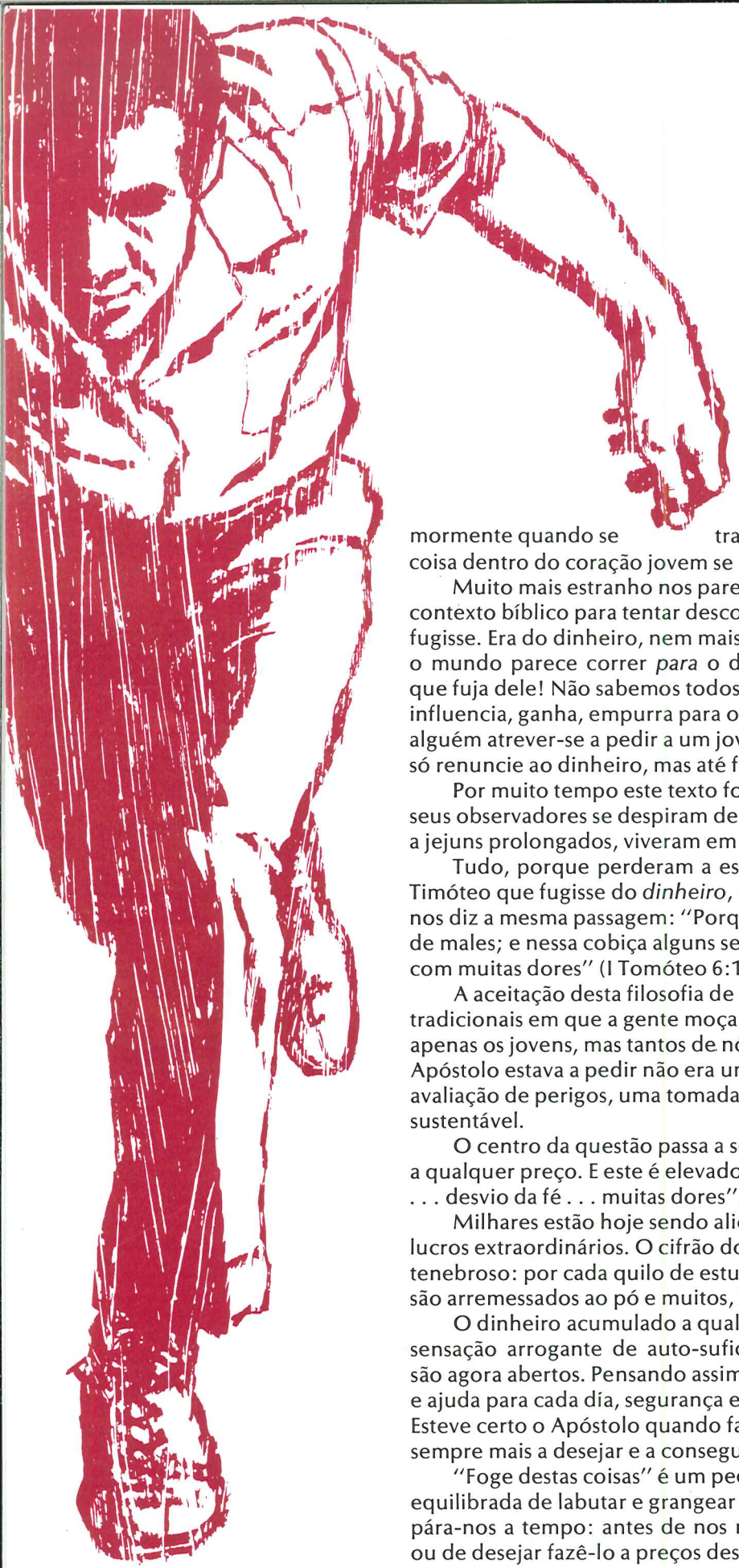
O ARAUTO da SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

OUTUBRO, 1985

European Nazarene
Bible College
Library



"foge destas coisas"

Fugir é tido em muitas culturas como um acto de cobardia. Assim, parece-nos estranho, à primera vista, que o apóstolo Paulo pedisse ao jovem Timóteo: "Foge destas coisas" (I Timóteo 6:11).

À mocidade não cai bem um convite à fuga, mormente quando se trata de questões consideradas importantes. Qualquer coisa dentro do coração jovem se rebela à ideia de se pôr em debandada.

Muito mais estranho nos parece o pedido de Paulo quando vamos ao contexto bíblico para tentar descobrir de que *coisas* pedia ele a Timóteo que fugisse. Era do dinheiro, nem mais nem menos, opinam muitos. Irónico. Todo o mundo parece correr *para* o dinheiro, e cá temos alguém a pedir a um jovem que fuja dele! Não sabemos todos que o dinheiro consegue, vence, compra, influencia, ganha, empurra para o alto, engrandece e dá poder? Como pode alguém atrever-se a pedir a um jovem—ambicioso como qualquer outro—que não só renuncie ao dinheiro, mas até fuja dele?

Por muito tempo este texto foi sujeito a uma interpretação tão literal que os seus observadores se despiram de tudo, lançaram fora as sandálias, forçaram-se a jejuns prolongados, viveram em ambientes sujos e doentios.

Tudo, porque perderam a essência do texto sagrado. Não pedia ele ao jovem Timóteo que fugisse do *dinheiro*, mas do amor ao dinheiro! É, pelo menos, o que nos diz a mesma passagem: "Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda a espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se transpassavam a si mesmo com muitas dores" (I Tomóteo 6:10).

A aceitação desta filosofia de Paulo quanto ao dinheiro faz estremecer bases tradicionais em que a gente moça tem assentado o futuro. Sejamos francos: Não apenas os jovens, mas tantos de nós adultos e até velhos! Entretanto, o que o Apóstolo estava a pedir não era uma renúncia à laia de sacrifício total, mas uma avaliação de perigos, uma tomada de providência baseada em lógica claramente sustentável.

O centro da questão passa a ser, por isso, não o dinheiro, mas a cobiça de o ter a qualquer preço. E este é elevado, lembra-nos Paulo: "Toda a espécie de males . . . desvio da fé . . . muitas dores".

Milhares estão hoje sendo aliciados pelo tráfico de drogas no qual vêem lucros extraordinários. O cifrão dourado faz que se esqueçam dum quadro tenebroso: por cada quilo de estupefaciente que lançam no mercado, tantos jovens são arremessados ao pó e muitos, literalmente, destruídos.

O dinheiro acumulado a qualquer custo bloqueia o caminho da fé. Traz a sensação arrogante de auto-suficiência, de que portas e privilégios infindos nos são agora abertos. Pensando assim, esquecemo-nos de Deus e de buscar n'Ele força e ajuda para cada día, segurança e graça para um futuro que nos não pertence. Esteve certo o Apóstolo quando falou das *muitas dores* do amor ao dinheiro: há sempre mais a desejar e a conseguir, por mais atribulada que seja a aventura.

"Foge destas coisas" é um pedido positivo e viril. Conserva intacta a ambição equilibrada de labutar e grangear o necessário para uma vida folgada. Mas pára-nos a tempo: antes de nos mergulharmos na obcessão de acumular dinheiro ou de desejar fazê-lo a preços desastrosos. □

—JORGE DE BARROS

O PECADO

Torna-se oportuno um artigo sobre o pecado quando ele é hoje tão raramente mencionado ou apresentado como o inimigo terrível do homem.

O pecado é um facto histórico. Tem causado através dos séculos a degradação e toda a vileza que conspurcavam a humanidade. É conhecido na Bíblia como o inimigo mortal do homem. Existe no mundo pela má escolha do ser humano. Levou Deus a utilizar forças atemorizadoras para o suster. No esforço de escapar ao seu domínio, o homem deve confiar naquilo que Deus fez e fará para o remir.

Enumeremos por alguns minutos as dimensões do pecado:

A sua escravidão

Em Provébios 5:22 lemos: "As suas iniquidades o prenderão, e com as cordas do seu pecado será detido".

O pecado exerce um domínio terrível sobre as suas vítimas. Apocalipse 6:16 mostra as funestas consequências de servir ao pecado que culminam na morte.

A culpa

Os irmãos de José reconheceram a sua culpa quando estavam na presença dele. O povo declarou a sua culpa na presença de Moisés. Em João 8:9 revela-se uma declaração de culpa quando todos foram acusados pela própria consciência.

O progresso

Jeremias proclamou perante a apostasia dos israelitas que eles tinham procedido pior que seus pais.

Em II Timóteo 3:13—"Mas os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados". Desta forma o pecado avilta um povo. A queda de nações ao longo dos séculos fala eloquentemente da terrível destruição provocada pelo pecado.

Os nossos países apresentam um movimento progressivo a favor do pecado, à medida que os fundamentos básicos do lar, do casamento e dos negócios estão a ser postos de lado.

O castigo

Isaías pregou ao povo: "As vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus: e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós" (59:2).

Não há escape do seu castigo. Como declara o Livro de Deus: "Ainda que o mau junte mão à mão, não ficará sem castigo" (Provérbios 11:21).

Nós dizemos correctamente que Saul morreu por causa de sua transgressão—um exemplo inesquecível do caminho terrível em declive fatal!

Os frutos

Oseias 10:13 diz: "Lavrastes a impiedade, segastes a perversidade, e comestes o fruto da mentira". Em Gálatas 5 vêm manifestas as obras da carne. Que lista trágica e horrível!

A revelação

O autor de Provérbios recorda que o pecado será revelado. A declaração concisa de Números 32:23, "quando vos achar o vosso pecado", tem sido usada por muitos pregadores para advertir da publicidade do pecado.

É um cenário terrível e sombrio considerar o pecado e descobrir a sua destruição ao longo dos tempos. Torna-se uma tendência habituarmo-nos às coisas que nos rodeiam. Entretanto, estejamos alerta quanto ao pecado e ao seu castigo. Evitemo-lo a todo o custo e sigamos a Deus, o único que é capaz de nos livrar do seu poder. □

INIMIGO TERRÍVEL

—V. H. LEWIS
Superintendente Geral Emérito.

PARA QUE O MUNDO CONHEÇA — JOÃO 17:21

O ARAUTO da SANTIDADE

Volume XIV—Número 10
Outubro, 1985

NESTE NÚMERO

"FOGE DESTAS COISAS" 2
Jorge de Barros

O PECADO—INIMIGO TERRÍVEL 3
V. H. Lewis Sup. Geral Emérito

ANO INTERNACIONAL DA ESCOLA DOMINICAL 5
Bennett Dudney

"QUE TE CONHEÇAM" 6
Christian Sarmiento

AMAR 7
Arnaldo Pereira

MARTINHO LUTERO E SUAS TESES 8
W. D. Tracy

A PERFEIÇÃO CRISTÃ 9
João Wesley

PORTAS ABERTAS 10
Keith A. Pagan

CONSTRUINDO A NOSSA PRÓPRIA FORCA 11
Earl C. Wolf

REACÇÕES HEREDITÁRIAS 12
Acácio Pereira

AS PRIMEIRAS DOZE SEMANAS DE VIDA 13

WHITEFIELD E WESLEY FALAM DO ESPÍRITO SANTIFICADOR 14
Timothy L. Smith

A "CRIANÇA" QUE EM MIM EXISTIU 16
António N. Leite

"JESUS CRISTO SE DEU A SI MESMO PELOS NOSSOS PECADOS" 17
Martinho Lutero

UMA CELEBRAÇÃO MELODIOSA 18

PÁGINA DEVOCIONAL 19
Paula Troutman

UMA COMUNIDADE INTERNACIONAL 20
Joaquim A. Lima

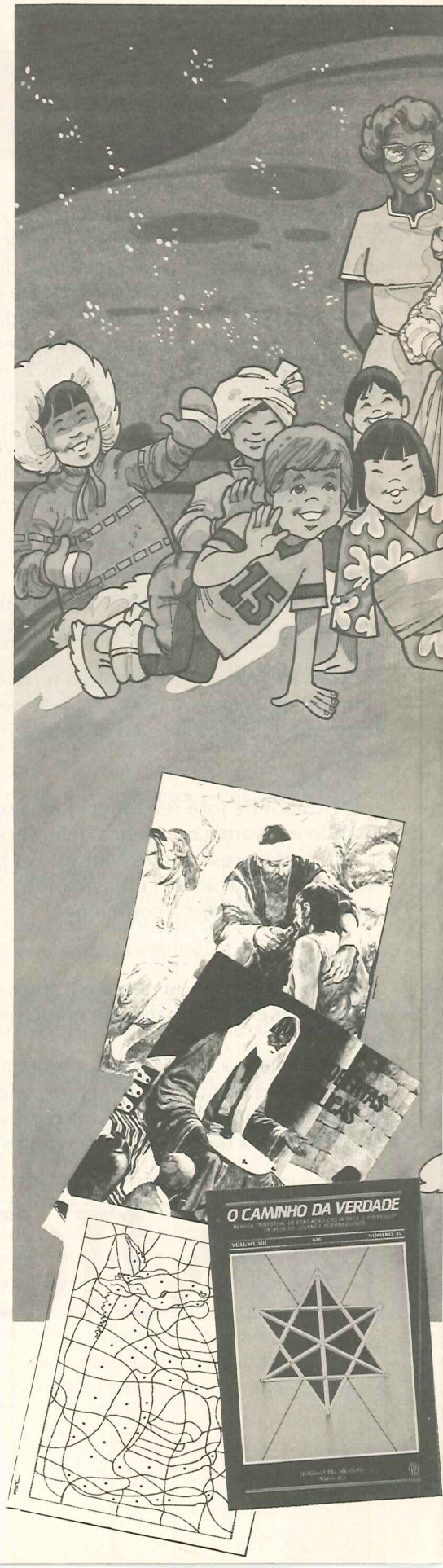
RESPONDERÁ DEUS ÀS ORAÇÕES? 22
Jim Spruce

PÁGINA MISSIONÁRIA—COSTA RICA 23

CRÊ VOCÊ QUE DEUS ESTÁ A CHAMÁ-LO? 24
Philip Troutman

PERGUNTAS E RESPOSTAS 25

O CAMPO É O MUNDO 26



FOTOS: Capa—N. Osumi; p. 16—D. Strickler; p. 18—D. Lawlor; p. 26—P. Stroud

BENNETT DUDNEY, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

"O ARAUTO DA SANTIDADE", *USPS 393-310,* é publicado mensalmente por **Publicações Internacionais** e impresso pela **Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, E.U.A.** Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, E.U.A. Direitos reservados (1985) pela Casa Nazarena de Publicações. Preço da subscrição anual: US$4.00. Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, E.U.A.

"O ARAUTO DA SANTIDADE", *USPS 393-310,* is published monthly by **Publications International,** printed at the **Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109.** Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Copyright (1985) by Nazarene Publishing House. *Postmaster:* Please send Change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. *Subscription price:* US$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, U.S.A.

ANO INTERNACIONAL DA ESCOLA DOMINICAL IGREJA DO NAZARENO

A Igreja do Nazareno tem sempre tomado a sério o mandamento de Jesus aos Seus discípulos: "Portanto IDE, *ensinai todas as nações*, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; *ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado*; e eis que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação do século. Amém" (Mateus 28:19-20).

Como resultado da presença do Espírito Santo e da obediência à grande comissão fomos já a 75 nações ou áreas mundiais. Ensinámos, traduzimos as Escrituras, temos escrito e traduzido materiais para serem usados na Escola Dominical. A ordem que manda ensinar é ainda *válida*.

O Ano Internacional da Escola Dominical, 1985-86, é um modo de chamar especial atenção para a importância de ensinar em cada país e em cada língua. *O nosso alvo* é alcançar novas pessoas com o Evangelho e instruir em cada terra os crentes na fé cristã. Isto significa ter que matricular novos estudantes e ensinar efectivamente.

Um alvo adicional é levantar uma oferta que permita financiar o desenvolvimento da literatura de Escola Dominical nas línguas em que não existe material adequado. A Igreja do Nazareno tem trabalhado em mais de 60 grupos linguísticos diferentes. Mas só nalguns deles temos literatura adequada. Todo o dinheiro levantado na oferta especial para o Ano Internacional da Escola Dominical em 26 de Outubro de 1986, será usado para o desenvolvimento desta literatura. Daremos prioridade aos grupos linguísticos em que exista pouca ou nenhuma literatura.

A igreja pode alcançar *dois milhões* em matrícula e *um milhão* em média de presenças em *1995*. Podemos ver novas pessoas salvas, a serem instruídas e a tornarem-se parte da Igreja.

Será que nos podemos preparar para esta ênfase especial sobre o ensino da Palavra, com um espírito de oração e empenhados a prover literatura de Escola Dominical? Deus está abrindo muitas portas. A necessidade é enorme. Teremos a Sua ajuda nestes dias. Ore—Faça planos—Ajude a tornar possível a vitória. No fim de contas, Jesus disse, IDE, ENSINAI —e prometeu a Sua presença.

—Bennett Dudney
Director de Publicações Internacionais
(Preparado para o Comité)

Comité para o Ano Internacional da Escola Dominical
Phil Riley—Director da Divisão de Vida Cristã e Escola Dominical
L. Guy Nees—Director da Divisão de Missão Mundial
Bill Sullivan—Director da Divisão de Crescimento de Igreja
Bennett Dudney—Director de Publicações Internacionais □

"QUE TE CONHEÇAM"

Programas, programas. Utilizamo-los muitas vezes para realçar uma verdade, outras porque nada mais há a fazer, e às vezes porque nos são impostos pela organização a que nos achamos afiliados.

O ano de 1985-86, foi designado pela nossa denominação como "Ano Internacional da Escola Dominical". O lema desta ênfase denominacional para aumentar a assistência e a promoção da Escola Dominical foi tomado directamente da Bíblia: "Que Te conheçam, a Ti só" (João 17:3).

É certo que a frase é mais do que um lema. Mais do que a promoção dum programa da igreja. Foi o próprio centro da mensagem e missão de nosso Senhor Jesus Cristo.

Pois bem, esta frase como centro e propósito do evangelho de Jesus Cristo também o deve ser de todo o crente, quer seja pastor, professor de Escola Dominical, membro da junta, aluno da Escola Dominical, isto é, todos aqueles que professam que Jesus é Senhor de sua vida.

Os programas da igreja tais como cultos de adoração, Escola Dominical, sociedades juvenis e outros mais são métodos para "que Te conheçam a Ti só". A frase refere-se a Deus.

Concentremos por um pouco a atenção na Escola Dominical para adultos e relacionemo-la com o lema da nossa denominação.

O título dum capítulo em certa obra académica diz: "Nunca Somos Demasiado Velhos para Aprender". Contradiz o antigo adágio: "Burro velho não toma andadura". Essa é a crença do povo. Realmente os adultos estão constantemente a aprender a viver. Nunca deixamos de aprender até à morte.

Quer dizer que toda a pessoa adulta tem o potencial para aprender algo novo. Pode aprender quem é Deus. Esta é a missão da Escola Dominical, não somente do professor mas também do aluno. Como crentes, devemos todos ir a um mundo que desconheça quem é Deus.

Regressemos ao lema "que Te conheçam a Ti só", e vejamos o contexto que se encontra no Evangelho de João.

Jesus acaba de explicar aos discípulos a Sua missão, de predizer a Sua morte. Agora quer fazer uma oração, a última antes de ser crucificado; portanto, ora por Si mesmo, pelos discípulos e por aqueles que *haviam de crer* em Deus através do ministério dos discípulos e dos discípulos dos discípulos.

Esta é uma oração importante. Exprime o sentimento e o desejo de Jesus, aquilo que Ele quer que chegue a ser a Sua Igreja. Por outras palavras, "a oração marca o fim do ministério terreno de Jesus Cristo, mas olha para o futuro na continuação da obra que seria responsabilidade, primeiro dos apóstolos, depois de quantos mais tarde haviam de crer através deles. Jesus ora por todos nós" (León Morris).

Esta oração apresenta respostas às perguntas seguintes (que todo o professor e aluno de Escola Dominical devem fazer): 1. Que nos leva a ensinar quem é Deus? 2. Que nos inspira a ensinar quem é Deus? 3. Como podemos preparar-nos para ensinar quem é Deus? 4. Que nos impede de podermos ensinar quem é Deus?

Que nos motiva a ensinar quem é Deus? A alegria de saber que temos vida eterna. "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Sabemos que já participamos da vida eterna, que não é algo a esperar-se no futuro, mas é uma comunhão íntima, isto é, que conhecemos ao Pai e a Jesus Cristo. É uma vida alegre porque nos oferece plenitude e realização própria. É curioso observar-se que a palavra "conheçam" no original está no presente do conjuntivo, o que indica que esse "conhecimento" é uma experiência crescente. Na verdade, nunca terminaremos de conhecer a Deus e o que Ele tem para a nossa vida; daí o regozijo, a realização própria, a esperança e o estímulo para cada minuto, hora, dia, ano e para toda a eternidade.

É isto que, sobretudo, nos motiva a ensinar quem é Deus.

Que nos inspira? Podemos dizer que a vida eterna nos inspira, mas há mais. Inspira-nos que Jesus orou pessoalmente por nós, por mim, para que pudéssemos levar a cabo o que Ele nos encomendou: "Como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo . . . E não rogo somente por estes, mas, também, por aqueles que, pela sua palavra, hão-de crer em mim" (João 17:18, 20).

Como podemos preparar-nos para ensinar quem é Deus? Primeiro, conhecendo-O. Segundo, recebendo o poder do Espírito Santo. Jesus sabia que por nossos próprios meios não poderíamos realizar a grande tarefa que nos encomendou. Ele

—CHRISTIAN SARMIENTO

orou: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade . . . E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade" (João 17:17, 19). Depois da ressurreição, Jesus indica aos discípulos como podem concretizar a sua missão: "Recebereis a virtude (poder) do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra" (Actos 1:8). Só o próprio Deus em nós, o Espírito Santo limpando (santificando) a nossa natureza dual—de querer fazer ao mesmo tempo a nossa vontade e a de Deus—, dando-nos a unidade de propósito (o que se reflecte no poder para ensinar, testificar, pregar), pode capacitar-nos para levar a outros vida eterna. Só assim conhecerão a Deus.

Mas que impede a igreja de ensinar quem é Deus? A falta de unidade. Uma das preocupações de Jesus na Sua oração é que exista unidade entre os cristãos.

Ele pediu ao Pai: "Pai santo, guarda, em teu nome, aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós . . . Eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade . . ." (João 17:11, 22-23). Jesus orou para que nós tenhamos essa relação íntima, um abandono total em Deus, assim como Ele a teve.

Quando o nosso alvo deixa de ser o de que Deus seja conhecido, desfazemos o laço de união com Deus através de Jesus Cristo. Quando os programas da denominação—quer sejam de evangelismo, Escola Dominical ou qualquer outro ministério—se convertem só em números e estatísticas, em competição para a glória de certa classe de Escola Dominical, igreja local ou distrito, rompe-se a unidade. Daí a insistência de Jesus de que *sejam um,* para que possam propagar a vida eterna e outros conheçam a Deus.

A igreja apresenta-nos uma oportunidade única através da Escola Dominical de levarmos a outros a vida eterna. Como professores e alunos da Escola Dominical para adultos realcemos quem é Deus, não para aumentar estatísticas, números e glórias, mas para que por nossas palavras e ensinos outros creiam que "Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que crendo" tenham vida em Seu nome. "E a vida eterna é esta; que te conheçam, a ti só, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). □

AMAR

É repartir o pão;
É encarnar na miséria do irmão;
É no mistério humano penetrar;
É ser mensagem, não história;
É ser luta com vitória;
É não só gostar, mas se doar;
É viver nos outros e a si renunciar;
É mudar o seu modo de pensar;
É morrer para a vida dar;
É não esconder, mas revelar;
É no seu próximo acreditar;
É palavras, atitudes e gestos ter;
É a ceia comunitária fazer;
É sair do eu e horizontes percorrer;
É montanhas remover;
É abrir diálogo e perdoar;
É a lágrima fraterna enxugar;
É cortar as amarras e se lançar;
É flores espalhar;
É luta do ser contra o parecer;
É recriar, se transformar;
É fortalecer, querer, vencer;
É erguer, não derrubar;
É conquistar, avançar;
É fortaleza e vontade sólida ter;
Para o Divino alcançar
E nova vida recomeçar.

—ARNALDO PEREIRA

MARTINHO LUTERO E SUAS TESES

—W. D. TRACY

Justificação pela fé é a crença básica do Protestantismo.

A Igreja Católica Romana lançou, no século XVI, um programa de "salvação por obras, satisfação e indulgências". Por volta de 1500, o tráfico das indulgências tornou-se um verdadeiro negócio. Foram criadas como meio de angariar fundos para manter as cruzadas e a opulência a que as igrejas se habituaram.

Em 1516, o papa Leão X lançou uma grande campanha, usando as indulgências como fonte de receita para a conclusão da basílica de S. Pedro em Roma. Espalharam-se milhares de folhetos do seguinte teor: *Que o Senhor Jesus Cristo te absolva de todos os teus pecados, transgressões e excessos . . . Eu perdoo-te todas as punições que mereces para que, quando morreres, as portas da penitência estejam fechadas . . .*

A Alemanha, com todos os seus pequenos estados, era o mercado lógico para tal propaganda, devido ao surto de nacionalismo em Espanha, França e Inglaterra. A Alemanha era, espiritualmente, dirigida por três bispos; um deles, Alberto Mainz, nomeou a João Tetzel como vendedor chefe das indulgências.

Teztel era um monge dominicano com escrúpulos duvidosos e destituído de princípios morais. De cidade em cidade, ia ele vendendo o "selo papal" ao povo que julgava estar a comprar o céu por um preço irrisório. Quando os sinos das igrejas anunciavam a sua chegada, mulheres, alunos de escolas, homens do povo e de negócio deixavam tudo para se encontrarem com ele. Então, mostrando as indulgências, começava o seu sermão:

Esta cruz tem tanta eficácia como a cruz de Cristo. Perdoa os mesmos pecados que vocês possam vir a cometer . . . Não há pecado, por maior que seja, que a indulgência não possa perdoar . . . Não é necessário arrependimento. As indulgências salvam os mortos . . . No momento em que o vosso dinheiro cai no fundo desta caixa, as almas são salvas do purgatório. Tragam o vosso dinheiro . . .

Dizia-se que o preço estava de acordo com a quantia que a pessoa podia pagar.

Um monge revoltou-se contra esses vendedores ambulantes de indulgências e seus sermões. Começou, então, a pregar: "As indulgências conspiram contra a penitência interior". Ele avisou os seus paroquianos: aqueles que quisessem contribuir para a construção da basílica de S. Pedro, que o fizessem através duma oferta e não comprando indulgências.

Isto levantou muita controvérsia. *Martinho Lutero,* o monge que era contra as indulgências, preparou 95 teses ou tópicos para discussão, como era hábito entre teólogos. No dia 31 de Outubro de 1517, pregou-as à porta da igreja de Wittenberg. Essas teses diziam que o cristão, verdadeiramente arrependido, recebe o perdão de Deus e não necessita de indulgências; que a igreja não pode perdoar o que Deus tinha imposto; e que nem as indulgências nem o próprio papa podiam perdoar pecados.

Em duas semanas, toda a Alemanha tinha lido ou ouvido das "Noventa e Cinco Teses" de Lutero—e a maioria das pessoas estava de acordo com o seu conteúdo. O pregador continuou a atacar as indulgências com a sua pena. Numa carta ao arcebispo Mainz ele escreveu:

Homens estão a levar as indulgências papais a todo o país sob o nome de Sua Excelência . . . as pobres almas submetidas ao vosso cuidado são, assim, conduzidas à morte e não à vida. As contas que Vossa Reverência há de prestar . . . aumentam dia a dia.

A esta seguiu-se uma outra carta dirigida ao papa, na qual Lutero protestava que Roma era "mais corrupta que Babilónia ou Sodoma".

Não tardou que esse corajoso pregador fosse excomungado, denunciado como hereje e ameaçado de morte. E, assim, as portas da Igreja que ele tentou salvar, fecharam-se atrás dele. Quando Lutero deixou a Igreja Católica Romana, atraiu a si milhares de cristãos sinceros que estavam cansados duma religião de obras mortas.

A verdade triunfou sobre o erro e, uma vez mais, a Igreja de Cristo marchou triunfante porque renascera a doutrina bíblica da **justificação pela fé.** Que essa preciosa herança protestante possa sempre viver nos nossos corações.

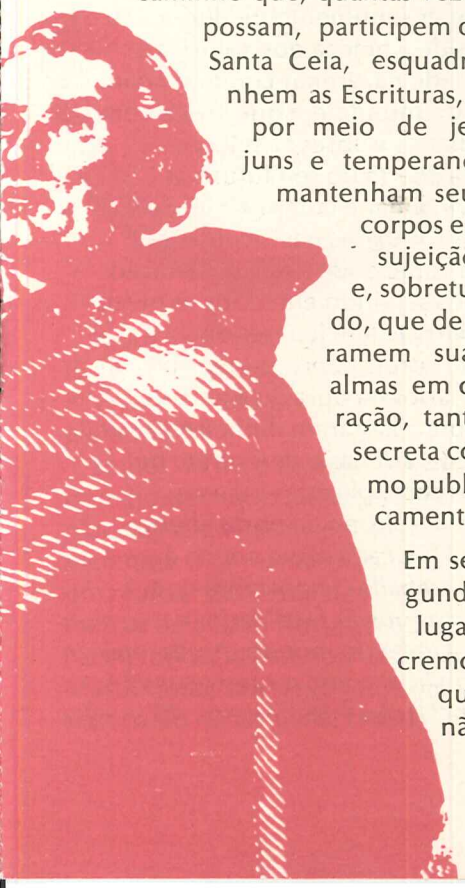
"O justo viverá por fé" (Romanos 1:17). □

A PERFEIÇÃO CRISTÃ

—JOÃO WESLEY

Talvez o preconceito geral contra a doutrina da perfeição cristã tenha nascido de uma interpretação errónea da sua natureza. Abertamente admitimos e continuamente declaramos que nesta vida não há tal perfeição que nos dispense de fazer o bem e de atender a todas as ordenanças de Deus, por um lado, ou que nos livre da ignorância, do equívoco, da tentação e de mil fraquezas relacionadas com a carne e o sangue.

Em primeiro lugar, não só admitimos, mas sinceramente sustentamos, que não há nesta vida qualquer perfeição que nos isente de cumprir todas as ordenanças de Deus ou de fazer bem ao semelhante enquanto vivemos, "principalmente aos da família da fé" (Gálatas 6:10). Cremos que é indispensável, tanto para os recém-nascidos em Cristo, como também para os já maduros no caminho que, quantas vezes possam, participem da Santa Ceia, esquadrinhem as Escrituras, e por meio de jejuns e temperança mantenham seus corpos em sujeição; e, sobretudo, que derramem suas almas em oração, tanto secreta como publicamente.



Em segundo lugar, cremos que não há tal perfeição nesta vida que garanta uma completa imunidade quanto à ignorância ou a erros em coisas não essenciais à salvação, ou a múltiplas tentações, ou numerosas fraquezas com as quais o corpo corruptível mais ou menos oprime a alma. Não encontramos nas Escrituras qualquer base que nos faça supor que o homem nascido de mulher possa estar inteiramente isento de enfermidades físicas ou de ignorância de muitas coisas, ou seja incapaz de equivocar-se, ou de cair em diversas tentações.

Surge esta pergunta: "Mas, a quem se refere então quando fala de alguém que é *perfeito*?" Referimo-nos àquele que tem "a mente de Cristo" (I Coríntios 2:16) e que anda como Cristo andou (I João 2:6), uma pessoa de "mãos limpas e coração puro" (Salmo 24:4). Por outras palavras, um homem perfeito é limpo de "toda impureza, tanto da carne como do espírito" (II Coríntios 7:1), em quem não há tropeço e que, por conseguinte, não comete pecado. Para esclarecer um pouco mais, entendemos pela expressão escriturística "um homem perfeito", aquele em quem esta promessa de Deus foi cumprida: "De todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei . . . Livrar-vos-ei de todas as vossas imundícias" (Ezequiel 36:25, 29). Entendemos por isto uma pessoa a quem Deus santificou em tudo, "espírito, alma e corpo" (I Tess. 5:23), que anda na luz "como Ele na luz está", em quem não há sombra de trevas, porque o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, o limpou de todo o pecado (I João 1:7).

Este homem pode agora testificar a toda a humanidade: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gálatas 2:19, 20). Ele é santo como é santo o Deus que o chamou, tanto de coração como "em todo o procedimento" (I Pedro 1:15). Ama ao Senhor seu Deus de todo o coração e O serve com todas as forças. Ama ao próximo como a si mesmo, assim como Cristo nos ama; particularmente a aqueles que o desprezam e perseguem, porque não conhecem o Filho nem o Pai. Na verdade, a sua alma é toda amor, cheia de "ternos afectos de misericórdia, de bondade, de humildade de mansidão, de longanimidade" (Coloss. 3:12). Sua vida, portanto, está plena de fé, paciência, esperança e obras de amor. E tudo quanto faz, seja em palavras ou acção, faz tudo no nome, no amor e no poder do Senhor Jesus. Em resumo, ele faz a vontade de Deus, "assim na terra como no céu".

Isto é ser um homem perfeito, ser santificado cabalmente; e, como diz o arcebispo Archer, "é ter um coração tão ardente com o amor de Deus, que continuamente ofereça cada pensamento, palavra e obra, com sacrifício espiritual, agradável a Deus em Cristo. Nos pensamentos do nosso coração, nas palavras da nossa língua, em toda a obra das nossas mãos, expressamos louvor Aquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz." Que todos nós, como quantos buscam ao Senhor com sinceridade, "sejamos feitos perfeitos em tudo"!

Esta é a doutrina que pregámos desde o princípio e que pregamos até hoje. É certo, depois de examiná-la sob cada ponto de vista, e compará-la vez após vez com a Palavra de Deus e a experiência dos Seus filhos, que tivemos uma compreensão mais profunda da natureza e prioridades da perfeição cristã. Porém, apesar disto, não há qualquer contradição entre os nossos primeiros conceitos e os últimos. O nosso primeiro conceito da perfeição cristã foi: Ter a mente de Cristo e andar como Ele andou; (ter toda a mente que houve n'Ele e andar sempre como Ele andou). Por outras palavras, estar interior e exteriormente consagrados a Deus; uma consagração de coração e vida. Temos o mesmo conceito agora, sem nada adicionar ou subtrair. □

PORTAS ABERTAS

—KEITH A. PAGAN

"Eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar" (Apocalipse 3:8).

Uma porta aberta excita sempre a curiosidade! É um convite a entrar, a procurar, a observar. Repare em qualquer pessoa que passa num corredor com muitas portas fechadas. Vendo uma aberta, esta atrai inevitavelmente a sua atenção.

Tal faceta da natureza humana foi reconhecida pelo Criador. É uma ilustração prática dum conceito. Nós respondemos a ela imediatamente. Embora o versículo citado focasse problemas espirituais e fosse dirigido a um determinado grupo de crentes, a sua analogia pode aplicar-se facilmente a outras áreas. A *porta aberta* é um símbolo significativo em termos de ensino superior nazareno. Tem sido assim desde a nossa fundação. Que seja sempre verdade.

A NOSSA PORTA DA FRENTE ESTÁ ABERTA. O compromisso da denominação em educar a juventude antecede o nosso começo formal. Temos procurado com diligência prover uma adequada oportunidade educacional para cada jovem nazareno qualificado. O programa de admissão a todas as nossas escolas reflecte o desejo de manter aberta a porta. Estudantes com o mínimo de qualificações académicas e com recursos limitados têm sido historicamente bem-vindos. A nossa confiança depositada neles tem sido quase sempre recompensadora.

AS PORTAS DOS NOSSOS PROFESSORES ESTÃO ABERTAS. Os diplomados nas faculdades nazarenas talvez comentem mais acerca do impacto de professores na sua vida do que de qualquer outro aspecto do ensino. Trata-se dum comentário sobre a *porta aberta* que os alunos encontram não só nos escritórios da faculdade, mas também no corpo docente—pessoas que os amam e servem. Os nossos professores estão mais directamente relacionados com os alunos do que na maioria das faculdades. Dá-se nelas mais ênfase ao ensino do que ao exame.

Durante os anos de desenvolvimento pessoal, os alunos duma faculdade nazarena deparam com *portas abertas* para novas áreas de interesse e conhecimento. Com considerável frequência eles progridem duma vaga percepção de "desejar assistir à faculdade" até à busca activa de carreira com alvo específico. Os estudos gerais exigem dos alunos abrir muitas portas para novas áreas de saber. Existe investigação de novos factos, conceitos e teorias. Parte do estímulo para frequentar uma faculdade é a rapidez com que o estudante descobre ideias novas e excitantes.

Dentro do ambiente das nossas faculdades há uma dedicação à verdade como um valor e Aquele que se descreveu como "a Verdade". Isto leva à procura de novas ideias e conceitos que integrem em vez de desintegrar. As *portas abertas* não são precisamente grandes espaços. São entradas para o Caminho que conduz finalmente ao conhecimento da "Verdade".

AS NOSSAS PORTAS PARA O CAMPO MISSIONÁRIO ESTÃO ABERTAS. Embora a vida da escola seja bastante recompensadora como um fim em si mesmo. o verdadeiro início não está na matrícula mas na formatura. Desde o dia em que se matricula um novo aluno é-lhe apresentada uma *porta aberta* para serviço. Esta pode surgir com o companheiro de quarto, de aula, com a comunidade ou os membros da igreja.

Os esforços dum aluno activo em áreas já ultrapassadas nas universidades seculares ainda vigoram nas nossas. A razão é óbvia—existe um desejo sincero de servir. Os alunos participam em viagens, grupos corais, música evangelística, programas de serviço voluntário na cidade, estudos educacionais e missionários. Os jovens duma faculdade nazarena aprendem por preceito, exemplo e prática que o maior amor provém da pessoa que dá a vida pelos amigos.

Depois de intensa preparação académica, os diplomados enfrentam uma série desconcertante de *portas abertas*. Abrir essas portas tem sido tarefa importante na experiência das faculdades. Surge por vezes certa desorientação geral. Se o factor integrante do compromisso cristão não entra na vida do estudante, pode haver sentimento de depressão e inutilidade. Nisso reside a beleza que valoriza a educação numa faculdade nazarena! Equipado com amplo conhecimento do mundo em que vive e com um espírito sintonizado nos valores cristãos, o graduado vê pela *porta aberta* do seu futuro as oportunidades de servir, amar e cumprir a lei de Cristo.

O número de alunos formados nas faculdades nazarenas comprova a veracidade desta declaração. Você pode encontrá-los servindo em todos os niveis da estrutura de nossa igreja—em lugares de destaque e, também, noutros menos pretensiosos mas igualmente necessários na obra do Reino de Deus. Os nazarenos nunca *gastaram* dinheiro na educação de seus jovens; apenas o *investiram* no futuro com dividendos centuplicados ou mais.

Senhor, faze que o simbolismo da porta aberta fale a cada um de nós. Que cada porta aberta à nossa frente recorde o trabalho importante que diariamente se realiza nas nossas faculdades e instituições de ensino à volta do mundo. Ajuda-nos a ver os campos missionários como o Mestre os viu —"brancos para a ceifa" (João 4:35). *Amén.* □

construindo a nossa própria forca

—EARL C. WOLF

Junto à estrada, ao sul de Idaho (EUA), há uma tabuleta que diz: "Pense em coisa grande; crie elefantes".

Lemos no livro de Ester acerca dum homem que tinha grandes planos. Hamã não podia criar elefantes, mas mandou construir uma forca com cerca de 23 metros de altura. Coisa grande! Nessa forca ele planeou enforcar Mardoqueu, um servo judeu ao serviço do rei Assuero. Hamã queria que aquele instrumento de morte fosse bastante alto para que o povo de Susã, capital da Pérsia, pudesse ver morrer o homem que ele odiava.

Entretanto, Mardoqueu não estava destinado a morrer naquela grande forca. O historiador sagrado diz ironicamente que "enforcaram a Hamã na forca que ele tinha preparado para Mardoqueu" (Ester 7:10). Hamã não imaginava que estava a construir uma armadilha mortal para si próprio. Mas fê-lo. A indulgência indisciplinada quanto ao ódio racial é uma espada que fere mais com o punho de que com a lâmina. Hamã tinha pensado não só na morte de Mardoqueu, mas também na destruição de todos os judeus espalhados pelo vasto império persa (Ester 3:8-9). Semelhante ódio é como uma seta que regressa para nos destruir.

Um sentimento exagerado quanto à importância do êxito e da posição hierárquica podem também ser meios de auto-destruição. Hamã jactara-se diante dos amigos e da esposa acerca de sua riqueza, filhos, lugar no reino e seu convite especial para jantar com a rainha Ester e o rei (Ester 5:11-12). Fizera do evento uma coisa grande. Encontrava-se no auge. Mas falhou em conceber que os colapsos ocorrem por vezes na passagem rápida da fama. O sábio de Israel por excelência declarou: "A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda" (Provérbios 16:18).

Hamã era um oportunista ambicioso. Quando o rei Assuero lhe disse: "Que se fará ao homem de cuja honra o rei se agrada? Então Hamã disse no seu coração: De quem se agradará o rei para lhe fazer honra mais do que a mim?" (Ester 6:6). Ele considerava-se realmente o "Sr. Grande". Ninguém como ele, em todo o império, merecia os favores especiais do rei. Ao receber tais honrarias devia tornar-se o homem mais feliz do império persa. Porém, o homem que ele mais odiava era quem o rei escolhera para receber as honrarias. Esta escolha é que Hamã nunca viria a compreender.

Tem-se comentado muito acerca do facto do nome de Deus nunca aparecer no livro de Ester. No entanto, ninguém pode ler com atenção o livro sem ter profunda consciência da presença divina. Vemos nele Deus e a Sua participação activa em todos os acontecimentos. O Senhor actuou providencialmente na vida de Ester e Mardoqueu. Também, no julgamento do caso de Hamã. O livro de Ester recorda-nos que Deus não está esquecido. Pode parecer indiferente ou perdido nas trevas, mas Ele está sempre presente e interessado nos Seu filhos. Ele testemunhou todo o drama da vida de Ester. Viu também tudo quando Hamã planeava a destruição do povo da aliança.

"Contar com Deus, tê-lO em consideração", diz G. Campbell Morgan, "é a mensagem do livro de Ester dirigida à corte do rei, ao palácio dos nobres, e aos dirigentes políticos. É a mensagem de Ester para todo o homem e mulher. Conte com Deus, porque Ele pode parecer escondido, mas ninguém pode evitar o Seu fogo ou escapar à Sua mão."

Se, como Hamã, formos indulgentes quanto ao ódio, apoiarmos o falso orgulho e exaltarmos o nosso ego, lembremo-nos de que estaremos a levantar a nossa própria forca. □

REACÇÕES HEREDITÁRIAS

Certa vez, um dos meus irmãos trouxe para casa uma Bíblia de capas verdes. Escondeu-a para que ninguém descobrisse que ele tinha estado num templo evangélico. Toda a nossa família era católica. Lembro-me muito bem como ele me contou em segredo a sua aventura e da pergunta que me fez: "Devo guardá-la ou queimá-la?"

Não achei motivo para a destruir. O conteúdo era bom. Até li alguns versículos. Mas, a meu ver, o perigo baseava-se na proveniência: herejes. Não teria o meu irmão incorrido em penas canónicas? Nas aulas dum seminário católico eu tinha aprendido a não condescender com "extraviados" da igreja, fora da qual não havia salvação. Martinho Lutero figurava nos livros como um monge renegado, excomungado, que vivera e morrera em pecado.

I. Fulcro da Reforma

Porém, em 1967, eu aceitei Jesus como meu Salvador. "Eis que tudo se fez novo" (II Cor. 5:17). Deixei a batina de sacerdote romano. Foi então que comecei a aprender a doutrina de Lutero sobre a justificação—"O justo viverá por fé" (Rom. 1:17). Fé em Deus. Não em imagens, escapulários, terços, indulgências, mortificações e boas obras.

Alguns teólogos católicos falam da justificação pela graça como infusão duma qualidade sobrenatural que torna a pessoa aceitável a Deus. No entanto, Lutero declarou que a graça que justifica o pecador é diferente—não reside no homem mas em Deus. De acordo com Romanos 8:33, "é Deus quem nos justifica".

O apóstolo João disse que "a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (I João 1:17); e S. Paulo completou: "Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rom. 5:8). Somos perdoados antes de transformados. Lutero explicou que a salvação é de graça. Deus remiu-nos e perdoou-nos a todos; mas, para sermos salvos, precisamos de reconhecer e aceitar o perdão divino. Ao fazer a nossa parte, entra em acção a fé. "Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo" (Rom. 5:1). Assim, a justificação pela fé tornou-se o fulcro da Reforma.

Depois de estudar as epístolas de Paulo, Lutero resumiu a doutrina da justificação nestas palavras latinas: *sola gratia* (somente pela graça); *solo Christo* (somente por Cristo); *sola fide* (somente pela fé). Somos "justificados gratuitamente, pela *graça* de Deus, pela redenção que há em *Cristo Jesus* . . . pela *fé* no Seu sangue" (Rom. 3:24, 25). "Da fé procede o amor e o gozo em Deus; e do amor flui uma vida livre para servirmos o próximo sem esperar recompensa. Porque, assim como o próximo necessita da nossa ajuda, também nós precisamos muito da graça divina" (Lutero).

II. Bula de Excomunhão

De início, Lutero apenas pensava em reformar a igreja sem sair dela. Mas, a excomunhão papal forçou-o a separar-se. Em 1517 o Reformador afixara na porta da igreja de Wittenberg as suas famosas 95 teses. Um ano depois foi declarado hereje pelo enviado do papa, o dominicano Silvestre Prierias, por ter negado a infalibilidade pontifícia. Numa discussão com João Eck, em 1519, Lutero defendeu as doutrinas de João Huss, condenado à morte pelo Concílio de Constança. Finalmente, a 15 de Julho de 1520 o papa emitiu uma *bula de excomunhão* contra Lutero. Ele queimou-a na praça pública.

O Reformador teria cometido vários erros. Até há quem o apelide de "o mais humano de todos os santos". Mas nós sabemos que ele nunca escreveu ou pregou contra a Igreja de Jesus Cristo. Ele amava-a do mais íntimo do coração. Simplesmente, levantou a voz como um arauto da verdade contra o erro.

Ao reconhecer a inutilidade da excomunhão, o papa procurou entregar Lutero à autoridade secular para que o executasse. Em 1521 foi reunida uma dieta em Worms para o condenar. Assistiram o imperador, os príncipes da Alemanha e o núncio apostólico. Mas as intervenções contínuas do legado do papa prejudicaram o ambiente da reunião. Apesar disso, Lutero não se retratou do que escrevera e pregara; nem a proscrição imperial chegou a entrar em vigor. E, entre duras perseguições e ameaças, a Reforma prosseguiu ao longo de séculos até hoje.

III. Mudaram os tempos?

Li numa revista ecuménica o comentário sobre a visita do papa João Paulo II, em 1983, a uma igreja luterana de Roma. Já antes Paulo VI tinha conferenciado com evangélicos no edifício do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra.

A mensagem do papa polaco começou com uma saudação à comunidade evangélica. Disse a seguir: "Vim porque no nosso tempo o Espírito de Deus nos convida a avançar à busca duma plena união entre os cristãos mediante o diálogo ecuménico. Por isso, apesar de todas as divisões evidentes em doutrina e vida, nos sentimos profundamente unidos". E mais adiante: "Como recordamos o V centenário do nascimento de Martinho Lutero (1483-1983), parece-nos antever ao longe o advento dum plano para a nossa unidade e comunidade". Estas palavras teriam dado

—ACÁCIO PEREIRA

a impressão de que tudo está a mudar. Mas, afinal de contas, que significarão concretamente? Que a porta fechada há séculos se abriu para os "extraviados" poderem entrar?

Sob a epígrafe "Opinião", a revista *Restauración*, de Outubro de 1983, comenta a propósito: "Os evangélicos, anglicanos, ortodoxos e demais grupos partidários do diálogo com o Vaticano para a hipotética união de todos os cristãos, não se iludam quanto às intenções deste papa. Sempre que se proporciona, João Paulo II esclarece que concorda com os diálogos, mas que a união e o ecumenismo se devem entender à base de todos os outros cristãos, sejam quais forem, se unirem à instituição religiosa que ele preside; porque, segundo ele, só o Catolicismo possui a verdade cristã." É evidente que há necessidade da Reforma continuar a penetrar para transformar. Não basta entreabrir a porta. Os tempos ainda não mudaram.

Embora reconheçamos que há antagonismos entre os cristãos, procuremos nós ver em cada irmão o lado bom, para melhor nos conhecermos e amarmos em Jesus Cristo, que o Pai enviou. Num mundo separado por cortinas e barreiras de toda a espécie é lamentável que os filhos de Deus continuem quase na mesma atitude do século XVI. "Seguindo a verdade em amor, cresçamos, em tudo, naquele que é a cabeça, Cristo" (Efésios 4:15).

Mas a aproximação não pode significar abdicação. Como evangélicos, conservemos os objectivos da Reforma: autoridade das Sagradas Escrituras, Cristo é a única porta da salvação, e o sacerdócio universal dos crentes. Seguindo os passos de Lutero, digamos hoje com convicção: "Não posso ir contra a minha consciência. Deus me ajude. Amém". □

"Tecido fetal" ou VIDA HUMANA?

AS PRIMEIRAS DOZE SEMANAS DE VIDA

Dezoito dias — O coração bate e bombeia sangue por vasos circulatórios próprios.

Cinco semanas — Aparecem o nariz e as bochechas; há indícios dos dedos.

Seis semanas — Principia a funcionar o sistema nervoso. Esboça-se o esqueleto; os rins, o estômago e o fígado começam a trabalhar.

Sete semanas — A criança ainda por nascer emite as suas próprias ondas cerebrais*. O bebezinho tem já todos os seus órgãos externos e internos. Apresenta uma face, olhos, nariz, lábios e língua.

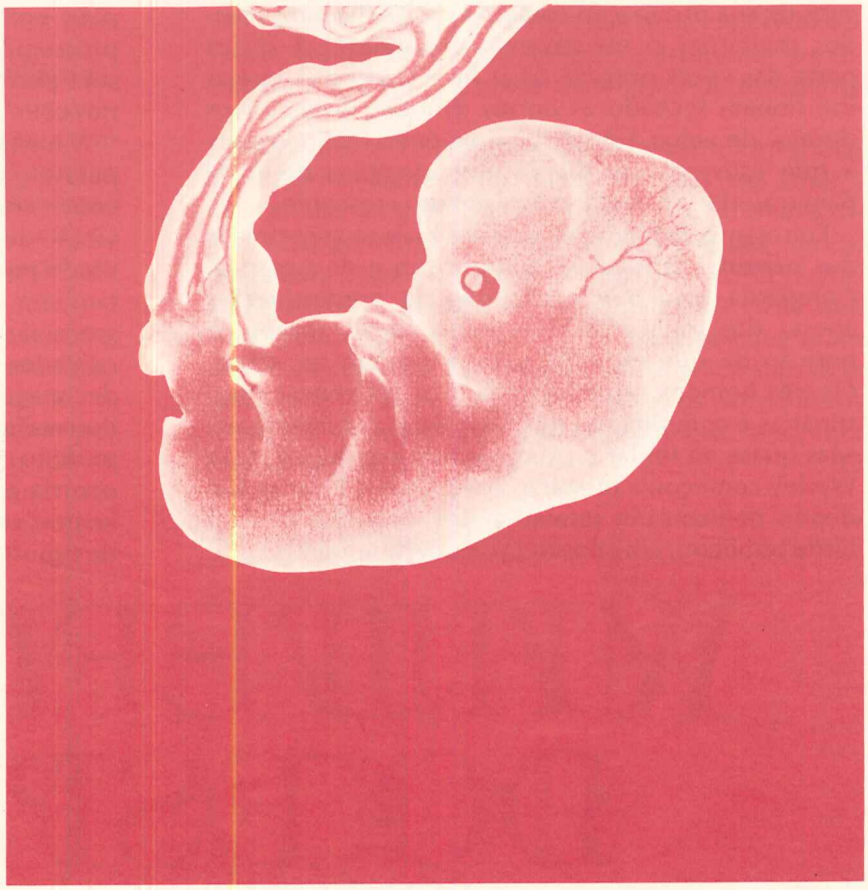
Nove e dez semanas — Funcionam as glândulas tireóide e supra-renal. O bebé pode piscar os olhos, engolir e reagir a sons fortes.

Dez semanas — A criança por nascer tem, basicamente, tudo que se pode achar na recém-nascida.

Doze semanas — As impressões digitais acham-se completamente formadas; manter-se-ão inalteráveis pelo resto da vida, a não ser pelo tamanho. O menino ou menina tem já uns dez centímetros e pesa cerca de 29 gramas. Para esta pequena criança tudo quanto agora resta é crescer . . .

. . . se não for vítima de aborto. □

*Ondas cerebrais salientam-se entre os critérios legais que determinam se uma pessoa está viva ou morta.



Os que pertencemos ao movimento de santidade podemos aprender muito do papel desempenhado pelo calvinista George Whitefield no avivamento wesleyano e na sua resposta à doutrina da inteira santificação. Whitefield foi dos primeiros no seu tempo a desfrutar e a pregar a experiência do novo nascimento—que Richard Howard designa como *vida no Espírito*. Whitefield testificou ter experimentado essa bênção quando esteve sob a tutela de Carlos Wesley em Oxford, em 1735. Pouco depois foi ordenado diácono na Igreja Anglicana e, embora tivesse apenas 21 anos, pregou a promessa da regeneração a grandes multidões: primeiro, na Grã Bretanha e, depois, na América do Norte. Continuou a pregar esta mensagem durante dois anos, antes de João Wesley regressar de Georgia (EUA) e encontrar a "fé viva" no culto de oração de Aldersgate, Londres.

O sermão de Whitefield sobre *A Necessidade da Regeneração* foi publicado em Londres, Bristol e Boston. Confirmou a sua posição teológica e serviu para espalhar o movimento evangélico entre anglicanos, presbiterianos e congregacionais. O sermão de Whitefield apresenta exactamente a mesma doutrina da libertação instantânea da culpa e do poder do pecado que João Wesley publicou no sermão "Salvação por Fé" pregado em Oxford, imediatamente a seguir à sua experiência em Aldersgate, a 24 de Maio de 1738.

Em Dezembro do mesmo ano, Whitefield regressou da sua viagem à América para cumprir os requisitos de sua ordenação como pastor anglicano. Grandes multidões o escutavam atentamente. A maior parte das vezes pregava ao ar livre porque as igrejas lhe tinham fechado as portas. Embora tivesse vivos desejos de voltar à América, convenceu João Wesley a que estivesse em Bristol em princípios de Abril para o ajudar a orientar o avivamento crescente.

Entretanto, Whitefield cada vez mais se aproximava dos pastores calvinistas da Inglaterra e da América. Compartia com eles a doutrina da predestinação, apesar dos irmãos Wesley se manterem firmes na posição de que todas as pessoas podem ser salvas. Os três homens respeitaram as suas diferenças doutrinárias e combinaram não falar delas publicamente. Mas quase ao findar o primeiro mês em Bristol, João Wesley começou a pregar a "graça livre". Poucos dias depois dedicou um sermão a este tema que só mais tarde publicou, em consideração a Whitefield.

Alguns historiadores crêem que foi este sermão que separou Whitefield de Wesley e há até quem date dessa altura as divergências entre os calvinistas e os arminianos. No entanto, durante o atraso da partida de Whitefield para a América, este e os dois irmãos Wesley trabalharam em boa harmonia. O avivamento que sacudiu a Grã Bretanha sob a direcção dos três homens, na primavera e verão desse ano, originou o movimento evangélico moderno.

Os três falaram como um só sobre a doutrina do novo nascimento e declararam que traz "justiça, paz e alegria no Espírito Santo". Nessa primavera Whitefield publicou um sermão sobre oa "Sinais de Ter Recebido o Espírito Santo" ou os "Sinais do Novo Nascimento". No auge do sermão declarou que antes de "podermos ser verdadeiros crentes é absolutamente necessário que recebamos o Espírito Santo" para que Ele inicie em nós "a Sua graça santificadora". Em Julho, ao concluir uma semana de pregação com João Wesley em Bristol, Whitefield escreveu outro sermão sobre "A Plenitude do Espírito Santo, Privilégio Comum de Todos os Crentes", que Wesley procurou publicar imediatamente.

Durante esse verão, tanto Whitefield como Wesley concordaram que a experiência da regeneração com o testemunho do Espírito Santo (embora este às vezes se manifeste separadamente), é o único "momento" de graça que o crente pode esperar. Ainda que a corrupção interior da natureza resultante da queda permaneça nos crentes, já não reina sobre eles. No entanto, devem trabalhar com "temor e tremor", para continuar a obra da salvação iniciada neles, prosseguindo até à "suprema chamada" que é a de ser "perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mateus 5:48).

A meados de Agosto, enquanto Whitefield se preparava para viajar até América, João e Carlos Wesley começaram a inclinar-se decididamente para a convicção de que algumas passagens bíblicas que tinham usado para descrever o novo nascimento se referiam também a uma segunda e mais profunda obra da graça santificadora. Talvez a catálise fosse o estudo cuidadoso que João Wesley fez sobre as primeiras declarações do Sermão do Monte. Pensou que elas descreviam a experiência da pureza de coração e o perfeito amor na vida presente; experiência que ocorria após o indivíduo ser filho de Deus por uma fé que seria alimentada na mansidão e na pobreza de espírito.

WHITEFIELD E
DO ESPÍRITO S

Em Novembro de 1739 João Wesley escreveu e pregou um sermão intitulado "Perfeição Cristã". Parece tratar-se do mesmo sermão que ele publicou quinze meses mais tarde. Ele pregou novos sermões baseados em diversos textos bíblicos, procurando sempre estimular os cristãos a experimentarem a segunda obra da graça santificadora. Usou passagens como II Pedro 1:4; I João 1:7 e 2:12; Efésios 4:23-24; Hebreus 10:19 e 4:9. Wesley pregou sobre "Resta ainda um repouso para o povo de Deus" no Colégio Kingswood; a 1 de Junho de 1740, e mais tarde no culto de dedicação do novo templo metodista, em Londres, lugar que sempre se chamou "antiga fundição".

Além disso, na primavera de 1740, ele apresentou a síntese bíblica da natureza e sequência dos dois "momentos da graça", no prefácio do segundo livro de *Hinos e Poemas Sagrados* escrito por seu irmão Carlos. Esse prefácio ficou desde então como o ponto topográfico da teologia de salvação de João Wesley. Ele fez dessa síntese, 26 anos mais tarde, o centro do seu livro *A Perfeição Cristã*.

Durante esses meses, Whitefield deleitou-se na aceitação das suas mensagens por parte do público e na comunhão com os ministros presbiterianos e congregacionais que o convidavam a pregar nas suas igrejas. Quase nada soube da extensão da doutrina de Wesley até Setembro de 1740, data em que chegou um barco a Boston (EUA) com cartas. Estas continham relatórios de calvinistas ingleses e escoceses sobre a doutrina de Wesley a que eles chamavam (e Whitefield repetiu) "a perfeição sem pecado".

As cartas com a resposta de Whitefield, publicadas repetidas vezes há mais de 200 anos, continuam quase desprezadas por eruditos wesleyanos. Estas cartas provam que a discussão entre ele e João Wesley se originou não só na publicação do sermão wesleyano sobre a graça gratuita, mas também na oposição de Whitefield à doutrina da "inteira" santificação ou pureza de coração.

George Whitefield escreveu: "A perfeição sem pecado é inatingível nesta vida, porque o pecado inato permanece no indivíduo até à morte, mesmo na pessoa regenerada . . . Todos os homens pecam por pensamento, palavra e obra". Declarou numa carta a João Wesley: "Não espero que o pecado inato seja vencido e destruído até à morte". E concluiu: "Que engano tão atraente é exclamar *perfeição* é, ao mesmo tempo, desprezar a doutrina da perseverança final".

Whitefield deixou de pôr a ênfase principal no poder do Espírito Santo que torna santos os filhos de Deus. Também verificou que João Wesley tinha começado no inverno de 1739 a declarar a promessa do segundo momento da graça santificadora, em que o Espírito Santo purificava o coração e o enchia de amor perfeito.

Vários eruditos opinam que João Wesley ensinou sempre a santificação progressiva que pregara nos primeiros doze meses, depois da experiencia de Aldersgate. Tal opinião vai contra o testemunho de Whitefield. Os dois amigos, que se admiravam profundamente continuaram até ao fim da vida a testificar do poder do Espírito Santo no novo nascimento. Separaram-se precisamente por discordarem neste ponto.

Albert Outler resumiu a evidência dizendo que Wesley nunca encontrou razão bíblica para alterar a sua convicção de que os dois momentos da graça santificadora—um que nos liberta do poder do pecado e o outro que nos purifica da corrupção do pecado inato—fossem básicos no processo pelo qual Deus restabelece no homem caído a Sua imagem de santidade e amor perfeito.

Desde 1739-40 até à morte, 51 anos depois, João Wesley deu a esta segunda obra da graça vários nomes inteira santificação, salvação completa, libertação do pecado inato e amor perfeito. Os eventos do Pentecostes projectaram a declaração do seu ponto de vista respeitante a estas duas experiências. Nesse dia uma multidão de judeus arrependidos receberam o dom e a graça regeneradora do Espírito Santo.

No primeiro Pentecostes 120 pessoas "foram cheias do Espírito Santo", ou "aperfeiçoadas no amor", ou "cheias de amor puro", como ele costumava dizer. George Whitefield raramente, ou talvez nunca, distinguiu estas duas experiências. Mas Wesley sempre realçou a relação entre ellas. Desde 1740 que este grande pregador de santidade insistiu que eram modelos clássicos das duas obras da graça santificadora que deviam desfrutar "todos os verdadeiros crentes", das quais a primeira era "inicial" e a outra interiormente "completa". □

*O Dr. Timothy L. Smith é historiador de sólida reputação. Autor de vários livros, entre os quais a história dos Nazarenos, dirige um programa de estudos doutorais na Universidade de John Hopkins.

WESLEY FALAM SANTIFICADOR

—TIMOTHY L. SMITH

A "CRIANÇA" QUE EM MIM EXISTIU

—ANTÓNIO NOBRE LEITE

Onde ficou a "criança" que em mim existiu?

Quem ma poderia restituir?

Daria "um milhão" pelo seu resgate!

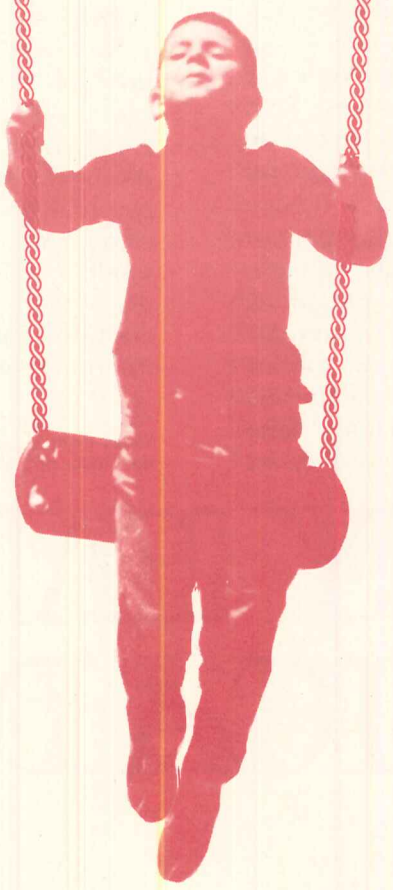
Ela trazia em si algo sublime. Seus olhos eram puros e inocentes. Deslumbravam-se com cada nascer do sol; e os ocasos da Ilha os enchiam de êxtase. O alto respeito e a admiração pelos maiores do seu pequeno mundo não lhe permitiam contemplar defeitos; antes, as virtudes destes eram sublimadas.

O seu falar era feito de ingenuidades. Afinal, as suas "mentiras" não eram mentiras! Eram apenas cândidas fantasias.

O seu louvor aos homens era genuíno; e as suas maldições não provinham da alma. A suspeita e a desconfiança não ocupavam a sua mente, porque esta era imaculada.

Sua boca se enchia de riso espontâneo, mesmo quando o pão era escasso e incerto. Trazia na alma um instintivo e doce senso de humor; e era abundante a sua auto-estima, o que lhe dava resistência contra as pressões circundantes.

Tolerante, aceitava melhor a humanidade numa relação de "criança" a "criança".



Os seus pés "descalços" eram hábeis e cautelosos. Com prudência se desviavam de espinhos e pedras agudas do caminho por onde andasse. Os "polidos calçados" roubaram-lhes essa circunspecção. Tornaram-se um tanto insensíveis . . . como que de barro.

E que dizer das suas mãos? Eram impolutas! Jamais foram usadas para ferir o próximo. Mãos de criança! . . . Quantas vezes não colocaram na minha consciência "culpas" que não eram culpas; "pecados" que não eram pecados!

Algumas vezes, por breves instantes, reaparece a criança trazendo-me sensações que se alternam entre o júbilo e uma profunda nostalgia. Mas são dos momentos mais felizes da minha vida actual. Quando ela aparece, o mundo enche-se de luz e vejo os homens como que numa celebração de bondade e amor. Como gostaria que ficasse comigo para sempre!

Senhor, lembro-me do Teu meigo convite.

Recordo-me de teres dito: "Deixai vir a mim os meninos, e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus" (Lucas 18:16).

Concede-me, Senhor, mais esta graça: a restituição da "criança" que em mim existiu. □

"JESUS CRISTO SE DEU A SI MESMO PELOS NOSSOS PECADOS"

Paulo agarra-se aqui (Gál. 1:4) ao tema. Nunca perde de vista o propósito da sua epístola. Não escreve: "Quem recebeu as nossas obras", mas "O qual . . . deu". Que deu? Não ouro nem prata, nem cordeiros pascais, nem um anjo, mas a Si mesmo. Para quê? Não para receber uma coroa, um reino ou a nossa bondade, mas por nossos pecados. Estas palavras ecoam como relâmpagos de protesto contra toda a classe e tipo de méritos humanos. Recalquemos estas palavras, pois estão cheias de conforto para consciências doridas.

Como poderemos obter remissão de nossos pecados? Paulo responde: "O homem que se chama Jesus Cristo e também Filho de Deus se deu a si mesmo pelos nossos pecados". Os projéteis destas palavras despedaçam o papado, as obras, os méritos e as superstições, pois se os pecados pudessem ser limpos por nossos próprios esforços, que razão haveria para o Filho de Deus se ter dado a Si mesmo por eles? Uma vez que Cristo se deu pelos nossos pecados, parece razoável que não possam ser retirados por nossos próprios esforços.

Esta frase também define a grandeza dos pecados, tão grandes que todo o mundo não pôde expiar nem por um só. A grandeza do resgate—Cristo, o Filho de Deus—no-lo indica. O carácter vicioso do pecado revela-se nas palavras: "O qual se deu a si mesmo". Tão vicioso é o pecado que só o sacrifício de Cristo o podia expiar. Ao pensar no que inclui a palavra "pecado"—o reino de Satanás e tudo o que é horrível—temos razão de tremer. Mas somos descuidados. Diminuímos a importância do pecado. Raciocinamos que por um pouco de trabalho ou pequeno mérito conseguimos desfazer-nos dele.

De forma que a passagem indica que todos os homens estão vendidos ao pecado. Este é um déspota exigente que não pode ser derrotado por qualquer força criada; mas, somente, pelo poder soberano de Jesus Cristo.

Tudo isto dá conforto à consciência espicaçada pelo pecado. Este não pode prejudicar as pessoas que crêem em Jesus Cristo, porque Ele venceu o pecado pela Sua morte. Armados com esta convicção, estamos prontos a poder ajuizar toda a vida e suas manifestações. Assim podemos avaliar todos os religiosos, maometanos e demais que confiam nos seus próprios méritos; e declaramos que são seitas perversas e destruidoras as que roubam a Deus e a Cristo a honra que só a Eles pertence.

Anotemos especialmente o pronome "nós" e o seu significado. Você concordará imediatamente que Cristo se deu a Si mesmo pelos pecados de Pedro, Paulo e outros dignos de tal graça. Mas, ao considerar-se a si próprio e ao sentir-se indigno, ser-lhe-à difícil crer que Jesus Cristo se deu a Si mesmo pelos seus pecados. Temos receio de aplicar pessoalmente esse pronome "nós" e, assim nos alheamos, na esperança de nos tornarmos dignos mediante boas obras.

Esta atitude nasce dum falso conceito de pecado, que é tido como coisa pequena, que "se resolve" facilmente ou através de boas obras; que nos devemos apresentar diante de Deus com uma recta consciência; que devemos eliminar qualquer pecado antes de sentir que Cristo se deu pelos nossos pecados.

Esta atitude é universal e desenvolve-se, sobretudo, naqueles que se consideram melhores que os outros. Tais pessoas confessam-se pecadoras, mas consideram os seus pecados de pouca monta, pois esperam ser perdoados praticando boas obras, o que não as impedirá de comparecer diante do tribunal de Cristo exigindo vida eterna por Sua justiça. Entretanto, pretendem ser humildes e até reconhecem certo grau de culpa. Por isso repetem a oração do publicano: "Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!" (Lucas 18:13). Mas escapou-lhes o verdadeiro significado e conforto das palavras "pelos nossos pecados".

O génio do Cristianismo toma as palavras do apóstolo Paulo "O qual se deu a Si mesmo por nós" como verdadeiras e eficazes. Não consideremos os nossos pecados como algo insignificante; nem tão horríveis que percamos a esperança. Aprendamos a crer que Cristo se deu não por transgressões picarescas e imaginárias, mas por todas; não por pecados leves, mas pelos mais profundamente arraigados.

Pratique esse conhecimento e você sairá fortalecido contra o desespero, particularmente na última hora, quando a recordação dos pecados assalta a consciência. Diga agora e então, com plena confiança: "O Filho de Deus, Jesus Cristo, se deu não pelos justos mas pelos pecadores. Se eu não tivesse pecado não necessitaria de Cristo". □

Comentário da Epístola aos Gálatas —MARTINHO LUTERO

UMA CELEBRAÇÃO MELODIOSA

1985 marca o centésimo aniversário do nascimento de Haldor Lillenas, autor de hinos evangélicos e fundador da Companhia de Publicações Lillenas.

Nascido a 19 de Novembro de 1885 em Stord, Noruega, emigrou com a família para os Estados Unidos em 1887. Estabeleceram-se primeiro em Colton, S. Dakota; mais tarde mudaram-se para Oregon e, por fim, para Minnesota. Durante os anos de adolescência Haldor estudou química e trabalhou em análises por algum tempo. Converteu-se a Cristo em 1906, na Missão Peniel em Astoria, Oregon, e no ano seguinte sentiu a chamada para o ministério. Uniu-se à Igreja do Nazareno em 1908, recebeu a licença de pregador local e iniciou logo o curso de estudo para pregadores licenciados. Em 1909 ingressou no Colégio Bíblico Deets Pacific (que mais tarde se tornaria na Faculdade de Pasadena), mas permaneceu ali por apenas um ano. Neste colégio veio a conhecer a sua futura esposa, Bertha Mae Wilson, com quem se casou em 1910. Naquele mesmo ano iniciou o primeiro pastorado em Lompoc, Califórnia. Ali ele começou a sua educação musical, um curso por correspondência de três anos.

Durante os anos seguintes Lillenas pastoreou em Illinois, Texas e Califórnia. Nestes anos de ministério pastoral realizou também, esporadicamente, trabalho evangelístico. Através destas campanhas os seus hinos tornaram-se populares. Um dos primeiros foi "He Set Me Free" (Ele Libertou-me), que o autor vendeu ao Rev. I. G. Martin por 50 cêntimos. Em 1923 aceitou o pastorado da Primeira Igreja do Nazareno de Indianapolis. Aqui juntou-se a dezassete evangelistas músicos e obreiros cristãos. Formaram a Companhia de Publicações Lillenas em 1924.

As actividades como compositor e escritor exigiam uma parte crescente das suas energias e, por isso, em 1926 Haldor Lillenas renunciou o pastorado e dedicou-se completamente ao ministério musical.

Em 1930 a Companhia de Publicações Lillenas foi vendida à Casa Nazarena de Publicações e tornou-se a divisão musical da denominação. Haldor Lillenas mudou-se para Kansas City onde passou a desempenhar o cargo de gerente deste novo departamento musical, lugar que ocupou até à aposentação, em 1950.

Haldor Lillenas morreu em 18 de Agosto de 1959, em Aspen, Colorado. Em 1982 ele foi admitido ao círculo de fama da Associação de Música Evangélica.

Para além do seu envolvimento nas áreas de publicações, pregação e evangelismo, Haldor Lillenas escreveu aproximadamente 3.000 hinos, muitos dos quais ministram ainda no nosso mundo. Os seguintes acham-se publicados no hinário **LOUVOR E ADORAÇÃO:**

ACHEI UM AMIGO (341)
À LUTA (271)
A PALAVRA SANTA (66)
A PAZ QUE JESUS DÁ (379)
A TI, SENHOR (61)
CAMINHANDO COM JESUS (441)
CRISTO COMIGO IRÁ (443)
CRISTO TE AJUDARÁ (413)
FALA DO SENHOR (302)
GLÓRIA A DEUS (317)
GLORIOSA PAZ (308)
JESUS CRISTO REINARÁ (10)
JESUS O NAZARENO (72)
LIBERDADE GLORIOSA (393)
MAIS E MAIS DOCE É JESUS (59)
MARAVILHOSA GRAÇA (158)
MEU TERNO JESUS (358)
NÃO DIGAS NÃO (190)
NAQUELA PÁTRIA (209)
NUNCA ESTOU SÓ (28)
O JARDIM DO MEU CORAÇÃO (425)
PERTO DE TI ANDAREI (33)
SALVO ESTOU, SIM EU SEI (405)
SANTIDADE MAIS E MAIS (251)
SOB O SANGUE DA EXPIAÇÃO (84)
TE ADORO, MEU SALVADOR (76)
TEUS ESPINHOS DARÃO ROSAS (409)
TOMOU MINHA CARGA (329)
VIDA ETERNA (200)
VEM, TAL COMO ESTÁS (184)

—Paula Troutman

INFLUÊNCIA PODEROSA

Uma menina brincava de "escola" em frente da sua casa. Ela era a professora e as bonecas faziam as vezes de alunos. Uma vizinha, que vinha visitar os pais da criança parou um momento para escutar e observar. Quando a senhora entrou na casa, perguntou aos pais da menina: "Será possível que a Sra. _____ seja a professora da sua filha na escola primária?" Os pais responderam: "Sim, como sabia?" "Porque", respondeu a vizinha, "conheço essa senhora, e a maneira de falar e os gestos da sua filha enquanto ensina as bonecas são iguais às da sua professora."

Como cristãos, nosso professor é Cristo. Podem outros vê-l'O em nosso modo de falar e de agir?

"Tenho um desejo sem igual:
Quero ser como Cristo.
Este é meu grande ideal:
Quero ser como Cristo.
Mestre e Senhor sempre há de ser.
Que o mundo inteiro possa ver
Sua presença em meu viver.
Quero ser como Cristo.

Obedeceu ao Pai do Céu,
Quero ser como Cristo.
Por outros Sua vida deu
Quero ser como Cristo.
A dor do triste partilhou,
Paz e descanso ofertou.
Sim, pecadores perdoou.
Quero ser como Cristo.

Vida perfeita, sem igual!
Quero ser como Cristo.
Este é meu grande ideal:
Quero ser como Cristo.
Em Seu poder desejo andar,
Do Seu amor testemunhar;
Eis meu sincero anelar;
Quero ser como Cristo."
(Louvor e Adoração, 34)

LEITURAS BÍBLICAS DO MÊS

1	Ester 4—7	**8**	Esdras 5—7	**16**	Mateus 5—7	**24**	Marcos 4—6
2	Ester 8—10	**9**	Esdras 8—10	**17**	Mateus 8—11	**25**	Marcos 7—10
3	Esdras 1—4	**10**	Neemias 1—3	**18**	Mateus 12—15	**26**	Marcos 11—13
4	Ageu 1—2 Zacarias 1—2	**11**	Neemias 4—6	**19**	Mateus 16—19	**27**	Marcos 14—16
5	Zacarias 3—6	**12**	Neemias 7—9	**20**	Mateus 20—22	**28**	Lucas 1—3
6	Zacarias 7—10	**13**	Neemias 10—13	**21**	Mateus 23—25	**29**	Lucas 4—6
7	Zacarias 11—14	**14**	Malaquias 1—4	**22**	Mateus 26—28	**30**	Lucas 7—9
		15	Mateus 1—4	**23**	Marcos 1—3	**31**	Lucas 10—13

"Faze-me, Senhor, conhecer os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas. Guia-me na tua verdade e ensina-me, pois tu és o Deus da minha salvação . . ." —Salmo 25:4-5

Ore:

Pelo Ano Internacional da Escola Dominical.
Por novos e dedicados professores da Escola Dominical.
Por obreiros empenhados na produção de materiais de ensino em mais de 60 línguas e dialectos.

O meu primeiro e fortuito contacto com a Igreja do Nazareno deu-se nas Ilhas de Cabo Verde, quando contava sete anos de idade, há uns 49 anos.

O ensejo foi criado pelas comemorações natalinas, quadra muito festiva entre os nazarenos em Cabo Verde. Acho hoje um tanto cómica essa descoberta de uma nova religião, a convite de uma tia: nessa noite de Natal, depois de um programa extenso e deslumbrante para mim, passou-se à distribuição de brinquedos—prémios para os alunos—usando o critério de assiduidade, durante o ano, na frequência à Escola Dominical. Ignorando as normas que limitavam a distribuição, achava eu que também seria um dos contemplados, o que obviamente não aconteceu. Que tristeza! Chorei muito. Não voltei à Igreja dos Protestantes por dez anos. Muito religioso, cultivei e pratiquei rigorosamente a fé católica-romana, até ao ano de 1944.

Apesar de toda a minha religiosidade, o pecado cedo me dominou. Buscava e almejava uma experiência clara com Deus, mas por caminhos contrários à Sua natureza. Desejava alguma coisa, sem contudo poder difini-la. Deus, de novo, coloca no meu encalço um parente. Desta vez um tio—Antão Lima—recentemente convertido à fé evangélica. O seu testemunho muito me impressionou. A mudança radical registrada na vida dele, despertou muita curiosidade em mim. Que nova igreja seria essa? Parece que tem uma mensagem diferente, pensava comigo mesmo. Senti então muita necessidade de Deus.

Não obstante, ainda foi muito difícil aproximar-me de uma igreja que não fosse a tradicional. Via-me obrigado a transpor muitas barreiras próprias de uma sociedade pequena. Venci, cedendo ao convite desse meu tio. O novo ambiente logo me impressionou. Os cultos, num clima saturado pelo Espírito Santo, provocaram um grande impacto em mim. A congregação era composta de pessoas diferentes das que eu conhecia. Eram amáveis, irradiavam paz. Um novo mundo! Senti-me envolvido.

Então, decidi ficar.

Tornei-me aluno assíduo da Escola Dominical. Convenci-me de que este era o caminho certo. Desaparecera todo o mistério que se criava em torno dos "protestantes". A nova igreja descoberta caminhava numa dinâmica envolvente. Senti-me sob convicção. Preocupou-me logo aquela necessidade de uma experiência pessoal, até que num domingo—23 de Setembro de 1945—fiz a minha decisão por Jesus, num altar nazareno, depois de um apelo do Rev. Ilídio Silva.

Dias marcantes se sucederam! A igreja caminhava de joelhos. Num desses cultos de oração em pequenas células de bairros, o Espírito Santo santificou o meu coração. Lembro-me de tais dias que muito marcaram a vida cabo-verdiana. Era um clima de reavivamento em todas as ilhas. Tenho que reconhecer que foi nesse ambiente dinamizado pela oração e vivência plena dos princípios do evangelho que Deus lançou sobre mim a primeira nota de convite para servi-lO como pastor. Recordo-me de que o evangelismo era praticado por todos, "a tempo e fora de tempo". Tantos leigos que então me influenciaram! Homens simples, de pouca cultura académica ou teológica, mas possuidores de um testemunho da obra redentora de Jesus.

Foi nesse começo tão dinâmico e cristão que tive de deixar as Ilhas. Nessa altura os meus pais residiam na Argentina. Era necesário juntar-me a eles. Para lá fui em 1950.

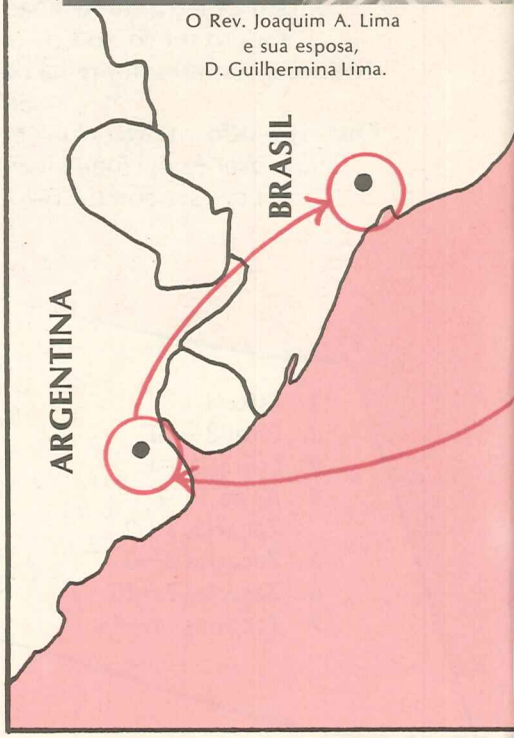
Um novo país, uma grande metrópole cheia de novidades! Tanto desafio e solicitações das mais variadas! Não consegui escapar ao choque cultural: língua desconhecida, cultura estranha, outros costumes.

Depois de vencer os preconceitos de um pai muito "religioso", descubro a Igreja do Nazareno—Calle Donato Alvarez, 880, no centro geográfico da capital portenha.

De novo sou impactado! Não serão estas as mesmas pessoas deixadas

UMA COMUNIDADE INTERNACIONAL

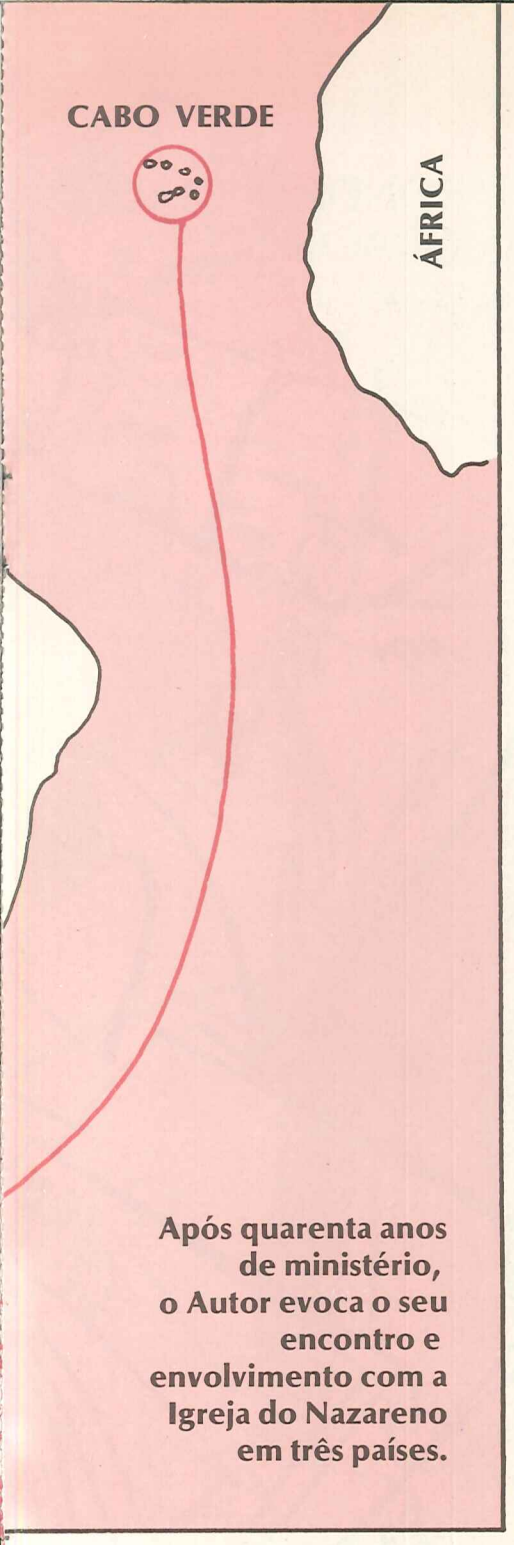
O Rev. Joaquim A. Lima e sua esposa, D. Guilhermina Lima.



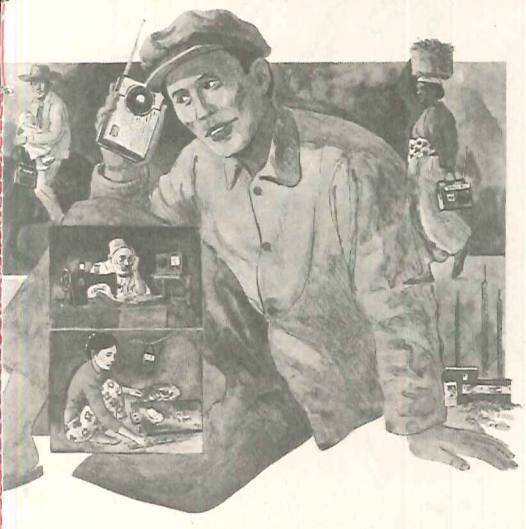
A HORA NAZARENA

- Qualidade técnica
- Fidelidade à Palavra de Deus
- Interesse pela necessidade individual
- Ênfase à solução em Jesus Cristo

ESCUTE • APOIE • DIVULGUE este seu programa semanal de rádio



Após quarenta anos de ministério, o Autor evoca o seu encontro e envolvimento com a Igreja do Nazareno em três países.



na igreja cabo-verdiana?! As características são diferentes; a cultura é diferente, falam diferente; reagem de modo diferente. Entretanto, e isso é curioso, parece a mesma gente—a gente nazarena, claro.

Em pouco tempo fui envolvido por esses queridos irmãos. Não permitiram que me sentisse estrangeiro. Amaram-me naturalmente. Recordo-me de tantos, agora mesmo, com imensa gratidão. Anjos que Deus coloca ao longo da nossa jornada, muitos deles já promovidos às mansões celestiais. Tanta gente que investiu em mim!

A chamada incipiente ocorrida em Cabo Verde se acentua. Deus quis tirar-me de uma escola industrial. Foi desapontamento para o meu pai que queria ter um engenheiro de máquinas na família. Venço a luta e matriculo-me no Instituto Bíblico Nazareno de Buenos Aires, em 1954, graduando-me em 1958.

A visão evangelística do então superintendente distrital, Dr. John Cochran, me desafiou a chegar até o extremo sul, na zona patagónica. Tornei-me assim o pastor nazareno da região mais austral. O obreiro que fora contagiado pelos nazarenos de Cabo Verde e, logo depois, pelos da Argentina, agora contagia outros na província de Chubut. Consumia-me o desejo de que outros conhecessem a esse maravilhoso Jesus, através da grande família nazarena. Que período abençoado naquela região tão inóspita! Eram para nós lugares celestiais em Cristo, apesar de tantos inconvenientes de ordem funcional. Precisávamos de muita graça para sobreviver—e Deus nos deu bastante graça.

Mais acontecimentos: a nossa denominação lança um desafio, em 1959, a favor da entrada no grande e prometedor Brasil. Era um projecto que fazia parte das comemorações do jubileu de ouro da Igreja do Nazareno. Todos os membros foram incentivados a orar pela nova avançada. O nosso pequeno grupo de Rawson aceitou também o desafio e passou a orar pela obra missionária no Brasil. Deus respondeu, enviando o próprio pastor para participar na grande avançada nazarena no país vizinho.

Era 1959. A Igreja do Nazareno lança suas bases no Brasil. Escolhe, sabiamente, como líder da nova frente um homem de estatura física agigantada e possuidor de uma paixão por almas aliada a visão do futuro. O Dr. Earl Mosteller seria assim usado, com muitos outros, no início da obra.

Hoje dou graças a Deus pelo privilégio de ter conhecido e trabalhado na Igreja e com a Igreja, em três culturas diferentes, por mais de quarenta anos. Em Cabo Verde, nos meus primórdios e marcantes dias. Tanta influência positiva daquele que me evangelizou e também me ganhou como seu genro! Sinto-me também grato pelo exemplo do meu primeiro pastor que me conduziu a Cristo. Não me esqueço dos preciosos irmãos que me receberam e envolveram com o seu amor numa terra estranha, a Argentina.

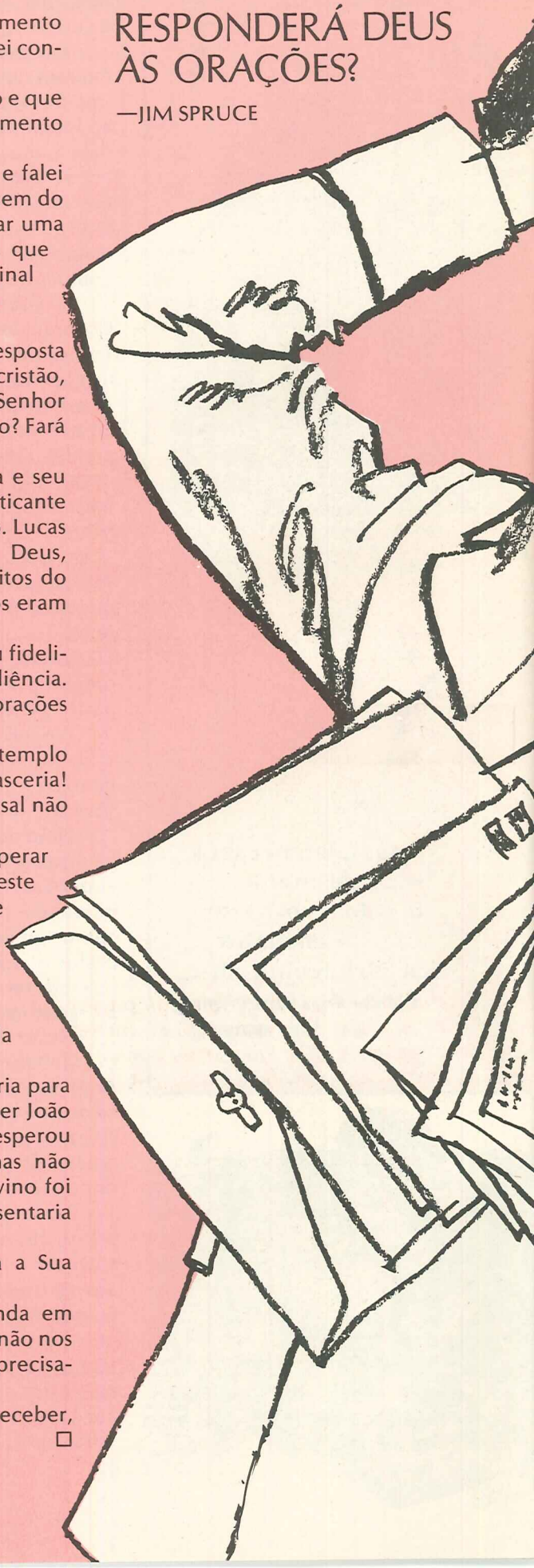
Nessa sequência de gratidão, concluo louvando ao Senhor do tempo, das idades e das nações por me ter permitido uma terceira pátria, o Brasil. Aqui tenho encontrado e sentido o mesmo amor, o mesmo carinho e calor humano. Tantos instrumentos nas mãos de Deus que possibilitaram a realização de Seu plano para a minha vida! Sinto-me feliz e realizado, possuindo praticamente só bens espirituais, mas considerando-me possuidor de tudo.

Ao longo de 25 anos no Brasil, e tendo servido como pastor, reitor do Seminario e, desde há dez anos, superintendente distrital, sou estimulado a evocar o passado parafraseando por vezes as palavras do autor da Carta aos Hebreus: "Portanto, também eu, visto que tenho a rodear-me tão grande nuvem de testemunhas e exemplos, desembaraçando-me de tudo que possa impedir que transmita à minha futura geração a essência da Igreja do Nazareno, corro com perseverança a carreira que me fora proposta; olhando intensamente para o Grande Nazareno —Jesus, desejo dar aos outros na mesma medida que muitos me têm dado a mim." □

—JOAQUIM A. LIMA

RESPONDERÁ DEUS ÀS ORAÇÕES?

—JIM SPRUCE



Todos os dias eu esperava que viesse no correio um documento importante. Era tempo de chegar. Aguardei com paciência. Vigiei confiado. Mas ele nunca chegou.

Contactei a companhia. Disseram-me que o tinham enviado e que iriam "investigar". Por isso, esperei mais algum tempo. O documento nunca veio.

Certo dia, estando na cidade, fui ao edifício dos correios e falei com alguns empregados. Puseram-me em ligação com um homem do departamento das "cartas não entregues". Prometeu que ia dar uma vista de olhos e aconselhou-me a contactar o remetente para que ele fizesse um duplicado. Isso deu resultado. Mas a carta original nunca chegou. Já passaram quatro anos. Qualquer dia serão quatro décadas . . .

Quando você envia mensagens para o céu e não recebe resposta que é tentado a pensar e a fazer? E quando a sua vida, como cristão, está em causa e você não obtém resposta de Deus? Ouvirá o Senhor as orações? Cuidará de cada um de nós? Será um Deus silencioso? Fará isso de propósito? Responderá Deus à Sua correspondência?

Talvez Isabel tivesse algumas destas perguntas a fazer. Ela e seu marido, Zacarias, chegaram à velhice sem filhos. Para uma praticante da fé judia não só era um problema mas, também, um opróbrio. Lucas descreveu a sua situação: "E eram ambos justos perante Deus, andando sem repreensão em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade" (Lucas 1:6-7).

Mas, embora esta mulher não pudesse ser mãe, evidenciou fidelidade! As circunstâncias, boas ou más, não alteraram a sua obediência. Simplesmente continuou a ser leal ao Senhor, apesar de suas orações não serem respondidas.

O seu marido era sacerdote. Certo dia, enquanto orava no templo a pedir um filho, recebeu dum anjo a resposta. Um menino nasceria! Salienta-se do episódio que, durante aqueles longos anos, o casal não desistira—mesmo de suas devoções!

É fácil seguir caminhos errados. Mais fácil ainda desesperar demasiado cedo. Entretanto, aqui temos uma sem resposta (neste assunto), ausência de realização do eu devido à esterilidade e sentimento de culpa por ter "humilhado" a sua tradição judaica.

Mulheres de outra têmpera teriam rejeitado a si próprias, aos maridos e até a Deus. Mas Isabel deduziu que o Senhor permitira a sua esterilidade com um propósito que ela e Zacarias desconheciam.

No entanto, Deus aguardava o momento preciso na história para introduzir o Seu Filho, Jesus! E quem o introduziria havia de ser João Batista. E quem daria à luz João Batista seria Isabel! Ela esperou pacientemente até Deus decidir. Ele sabia o que fazer, mas não revelara a Isabel os Seus planos. O elo principal no plano divino foi encontrar uma jovem, Maria, por intermédio da qual Ele apresentaria Jesus Cristo!

Finalmente, Isabel aprendeu que Deus abre e lê toda a Sua correspondência. Mas só responde no tempo devido.

As respostas que nós consideramos atrasadas estão ainda em tempo! Por razões que nós nunca saberemos, o Deus de Israel não nos conta tudo o que Ele faz. Mas diz-nos, eventualmente, o que precisamos saber!

Como Isabel, a nossa tarefa é estar no lugar próprio para receber, alegremente, a resposta quando ela vier. □

COSTA RICA

População: 2.270.0[illegible]
Grupos Étnicos: Branco 96%; Negróide 3%; Índio 1%.
Religião predominante: Católica Romana.
Língua: Espanhola.
Tipo de Governo: República democrática.
Data de abertura do trabalho nazareno: 1971
Primeiro missionário: Rev. Howard Conrad.
Primeiro superintendente distrital nacional: Rev. Eddy Castillo.
Superintendente distrital em exercício: Rev. Hector Acuna.
Escolas: Seminário Nazareno das Américas.

O trabalho da Igreja do Nazareno na Costa Rica foi iniciado quando um estudante nicaraguano do Instituto Bíblico Nazareno, Alejandro Herrera, visitou uma Igreja Nazarena em San Carlos, na fronteira entre a Nicarágua e a Costa Rica. Juntamente com um outro jovem, dirigiram-se a uma cidade vizinha na Costa Rica para visitar alguns amigos. Aqui encontraram uma senhora que lhes ofereceu o seu lar para celebração de cultos. O mesmo fizeram os citados jovens em várias outras cidades.

Alguns anos mais tarde Herrera voltou e dirigiu vários cultos na cidade de Los Chiles onde várias pessoas se converteram. Quando ele completou os seus estudos foi enviado como pastor de uma igreja junto à fronteira. Imediatamente, começou a organizar cultos do outro lado da fronteira, na Costa Rica. Em pouco tempo uma igreja foi organizada em Los Chiles.

Um outro nazareno, Rev. Ignacio Hernandez, mudou-se para San José, a capital da Costa Rica, para frequentar um seminário interdenominacional. Durante a sua permanência começou a celebrar cultos e, em 1964, organizou-se uma igreja.

O Seminário Nazareno das Américas foi inaugurado em 1967 na Costa Rica com o propósito de servir de centro educacional para as Américas Central e do Sul. Howard Conrad foi nomeado primeiro director, tendo as aulas começado em 1970. Por causa da necessidade de oferecer treino prático, muitos pontos de pregação foram estabelecidos pelos estudantes e o trabalho na Costa Rica cresceu rapidamente.

Em 1972 a Costa Rica tornou-se um distrito independente da Nicarágua, tendo por superintendente o Rev. Marshall Griffith. Ele foi sucedido pelo Rev. Allen Wilson, em 1974. O primeiro superintendente nacional, o Rev. Eddy Castillo, foi eleito em 1979.

Hoje o distrito da Costa Rica tem 927 membros, 32 igrejas e 20 missionários. Destes últimos 17 são professores no seminário. Em 1984, 77 estudantes, de vários países da América Central e do Sul, frequentaram o seminário. Há também 1.100 estudantes inscritos no programa de educação teológica por extensão nos vários países latino-americanos. □

Como cristãos gostamos de saber a vontade de Deus para a nossa vida. Todos nos perguntamos: "Que farei com a minha vida?" Mas, para o jovem crente, a pergunta deve ser feita de outra forma: "Qual é a vontade de Deus para a minha vida?"

Deus tem um propósito para cada um de nós. Se estivermos atentos à Sua chamada e andarmos na luz que Ele nos dá, saberemos com certeza que estamos no centro da Sua vontade.

O maior privilégio que alguém pode ter neste mundo é ser chamado ao ministério. Cremos que Deus chama especificamente determinados indivíduos para que O sirvam como pastores. Muitos perguntam: "Será que Deus me está a chamar para o pastorado?" E a maioria responde com um "não", por lhe parecer não ter chamada específica de Deus. No entanto, todos devemos estar dispostos a dizer "sim" quando há certeza duma chamada.

Alguns sentem certa inclinação para o pastorado, mas não estão seguros se é Deus quem chama, se é interesse próprio ou pressão de outros. Dirijo-me de modo especial aos jovens. Apresento o meu testemunho de como Deus me chamou ao ministério.

Há pouco mais de quatro anos que Deus me chamou ao pastorado. Nasci numa família evangélica. Meu pai é presbítero da Igreja do Nazareno e, por mais de 30 anos, trabalha na nossa Sede Internacional. Cresci num ambiente religioso e escutei muitos sermões sobre a chamada ao ministério. Quando terminei os estudos secundários, matriculei-me na faculdade nazarena de Bethany (EUA), onde estudei espanhol, alemão e educação. Graduei-me com a intenção de ensinar espanhol nas escolas públicas.

No entanto, enquanto estudava senti-me insatisfeito com os meus planos para o futuro. Seis meses antes de terminar o curso, casei-me com uma jovem cristã e comecei a preocupar-me com o dinheiro e a casa. Trabalhava algumas horas que eram bem remuneradas. Tive mesmo a oportunidade de trabalhar por tempo integral e ganhar mais. Embora esse emprego não tivesse relação com os meus estudos, pensei em conservá-lo. Mas não me satisfazia.

Só depois de diplomado considerei que Deus me estava a dar facilidade de aprender línguas para usar esse talento no ministério. A ideia de ser pastor inquietou-me; não por ser desagradável, mas por não estar eu certo de que o Senhor me chamava.

Desejava poder dizer que me fechei num quarto até estar certo da vontade de Deus para a minha vida; ou que tive uma visão celestial em que Cristo me ordenava que fosse pregar. Mas nada disto aconteceu. No entanto, cheguei à conclusão de que o Senhor me chamava ao ministério.

1. *Orei.* Talvez se tivesse orado mais, teria compreendido mais depressa o que Deus me dizia. Se você está a procurar a vontade de Deus, a primeira coisa que deve fazer é orar pedindo bênção e orientação.

2. *Falei com algumas pessoas maturas e experientes na fé.* Você pode pedir conselho ao seu pastor, ao director da Escola Dominical ou a algum irmão na fé que viva vitoriosamente.

Eu falei com três pessoas: um tio que é pastor e foi missionário; o meu sogro que foi pastor e é missionário nas Ilhas de Cabo Verde; e um amigo que foi missionário na América do Sul. Compreendi então o que o meu tio me disse: "Algumas vezes a chamada de Deus consiste em Ele nos tornar conscientes duma necessidade na igreja, com a certeza de que Ele nos deu o talento e a capacidade para a suprir".

3. *Precisei de agir.* Quando buscamos a vontade de Deus e cremos que Ele mos mostra o caminho, cabe-nos dar um passo de fé e pedir ao Senhor que as circunstâncias nos indiquem se devemos ou não prosseguir. No meu caso, orei: "Senhor, conheces melhor do que eu as circunstâncias. Sabes que eu preciso de emprego e lugar para viver em Kansas City. Tudo está nas tuas mãos." Em Janeiro de 1981 fui a essa cidade, onde se encontra o Seminário Teológica Nazareno.

Era inverno, mês de muito frio. As firmas onde pensava empregar-me rejeitaram-me. Porém, quando cheguei a certo escritório, o chefe do departamento deu-me trabalho nessa mesma tarde. Além disso, encontrei um bom apartamento. Deus respondera à minha oração. É óbvio que Ele me dizia: "Prepara-te para ser pastor".

Se você actua por fé e as circunstâncias confirmam que Deus abriu a porta, depois de orar, entre. O Senhor fez tudo, só não falou em voz alta! Ele está a indicar-lhe o caminho.

Se orou, buscou conselho de pessoas santas, deu o passo de fé, as portas se abriram e decidiu prosseguir, Deus continuará a orientá-lo. Eu agora estudo no seminário e diariamente sinto que estou a fazer a vondate divina. Os meus estudos confirmam-no; certos hinos e passagens bíblicas declaram-no. Por exemplo, o profeta Isaías disse: "Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há-de ir por nós?" E o meu coração responde com Isaías: "Eis-me aqui, envia-me a mim" (6:8).

Se você fez a decisão que devia, Deus confirmará os seus passos. Hoje sei que até aqui o Senhor me tem guiado. Estou certo disso.

Se você errou na sua decisão, Deus não o abandonará. Mostrar-lhe-á claramente que deve reconsiderar a sua escolha.

Tenha fé em Deus. Ele ama-o e deseja que você saiba, sem a mínima dúvida, que caminha no centro de Sua vontade. Talvez a chamada consista em possuir as qualificações para cumprir uma tarefa no ministério.

Que Deus o abençoe e ajude a andar dentro da Sua divina vontade! □

—PHILIP TROUTMAN

CRÊ VOCÊ QUE DEUS ESTÁ A CHAMÁ-LO?

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Conhecerá Satanás os nossos pensamentos e poderá ser repreendido por eles ou precisam de ser verbalizados? Que passagens bíblicas apoiam este assunto?

Está escrito de Jesus: "Ele bem conhecia os seus pensamentos"—de Seus inimigos (Lucas 6:8; Mateus 12:25; Lucas 9:47; Marcos 2:8; João 2:25). Mas eu desconheço qualquer passagem que atribua a Satanás tal conhecimento. O Inimigo quis mostrar que penetrava na mente de Jó, mas as suas acusações comprovaram-se falsas (Jó 1—2).

Satanás tem sido repreendido verbalmente, de acordo com a Sagrada Escritura (Judas 9); e Jesus repreendeu os demónios, a doença, uma tempestade e até os Seus discípulos (Mateus 17:18; Lucas 4:39; Mateus 8:26; Lucas 9:55). Em todos estes casos a repreensão foi verbal, não simplesmente por pensamento.

Alguns pregadores ensinam que Cristo pecou quando morreu na cruz; bem como todas as pessoas também pecam quando morrem. Poderá, por favor, dar-me a sua opinião sobre este assunto?

A Bíblia diz simplesmente que Jesus "em tudo foi tentado, mas sem pecado" (I Pedro 2:24) e que Deus "Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós" (II Coríntios 5:21), mas em nenhuma parte da Bíblia se menciona que Jesus pecasse.

Quanto ao "também" da sua pergunta, desconheço até onde quer chegar com "também todas as pessoas pecam quando morrem". A Bíblia diz que "a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram" (Romanos 5:12) e que "o pecado, sendo consumado, gera a morte" (Tiago 1:15). Mas esta ligação do pecado com a morte não significa que o acto de morrer seja pecaminoso. Estêvão morreu não apenas como um homem perdoado por Deus, mas também perdoando com amor sublime aos assassinos (Actos 7:54-60). Este exemplo confirma que a morte em si não é pecado.

Ouvi recentemente um evangelista declarar que Matias não era a pessoa indicada por Deus para o lugar de apóstolo, depois do suicídio de Judas; mas sim Paulo, somente que chegou mais tarde. Embora eu aceite sem hesitar a apostolicidade de Paulo, não consigo reconciliá-la com a oração de Actos 1:24 —"Mostra qual destes dois tens escolhido".

À luz desta passagem bíblica, podia ainda comentar Apocalipse 21:14, onde o nome dos doze apóstolos do Cordeiro se encontrava nas pedras de fundamento da cidade celestial. Na sua opinião, quais eram os doze nomes que João viu? Compreendo que se trata de alta especulação com implicações no simbolismo do Apocalipse, mas agradecia que me respondesse.

Não encontrei evidência bíblica que apoie a noção de que a escolha de Matias tenha sido um erro. Alguns argumentam que Pedro, sendo impulsivo, "adiantou-se a Deus" ao convocar os apóstolos para essa eleição. No entanto, parece-me que Deus se teria oposto à escolha de Matias se guardasse o lugar para Paulo, tal como frustrou o impulso de Samuel ao escolher Eliab como sucessor de Saul. Eu penso que a oração foi sincera e respondida com clareza.

Isto me leva a crer que o duodécimo nome nas pedras de fundamento, referido no capítulo 21 de Apocalipse, é o de Matias. No entanto, trata-se realmente de especulação e inclino-me para o comentário de Henry B. Swete: "Os doze apóstolos não são nomeados individualmente; é mencionado o colégio apostólico como um todo, ao qual se faz a referência . . . Nada existe que mostre como o número se completa, mas não se deve concluir que Paulo seja excluído."

Se os requisitos apresentados em Actos 1:21 e 22 fossem válidos—e não acho razão para supor o contrário—Paulo não se podia ter qualificado. □

Mateus 13:38

CAMPO É MUNDO

Tempo de reflexão, estudo e inspiração para obreiros cabo-verdianos.

Participantes do Retiro de Pastores no vale de S. Francisco, Cabo Verde.

CABO VERDE— RETIRO DE PASTORES

Começámos com as apropriadas palavras do Senhor da Sua Igreja—"Vinde vós, aqui àparte, a um lugar deserto, e repousai um pouco" (Marcos 6:31).

O retiro no vale de S. Francisco foi algo pensado e sugerido no passado, mas nunca levado a cabo por falta de condições. Desta vez, depois de esforços do superintendente e do pastor da igreja da Praia —encontrámos a nossa propriedade bem limpa, pintada e até com camas individuais confeccionadas,em substituição do tradicional catre.

Éramos vinte e um obreiros, incluindo cinco seminaristas, a usar três carros que no dia 26 de Fevereiro chegaram ao "lugar alto"—para ficarem até ao dia quatro de Março.

Foi tema do retiro A IGREJA DO NAZARENA E A SOCIEDADE ACTUAL. Celebrou-se a primeira reunião na terça-feira à tardinha, sob a presidência do superintendente do distrito, Rev. Gilberto Sabino Évora. Designaram-se várias comissões: Recepção, Desporto, Cultos, Música e responsáveis pelo equipamento eléctrico. Foi nomeado conselheiro do retiro o colega mais avançado em idade, o Rev. Álvaro Barbosa Andrade. Como secretário, o Rev. Manuel Sança Gomes.

Diariamente e a partir das nove horas da manhã, o director da Missão, Rev. Paulo Stroud, nos inspirava e alimentava com mensagens e ilustrações edificantes. Todos apreciámos a espiritualidade do mensageiro e a aplicação de cada sermão dentro da área e necessidade pastorais. Realmente, sentimos que era um líder responsável falando para obreiros.

Outro aspecto muito positivo e prático foi a "Mesa Redonda". Todos os dias à tarde, a partir das quinze horas, tendo como moderador o superintendente, dialogámos, perguntámos e expusemos assuntos pertinentes, tais como: a realidade espiritual e social de Cabo Verde; relatos e trocas de experiências; a nossa responsabilidade perante o Distrito; os responsáveis pela administração da Igreja; a Igreja e nós mesmos; o nosso comportamento como ministros de Deus; os nossos deveres e direitos; como melhorar o ministério sagrado e conseguir a afinação de propósitos. Esta programação foi esboçada e orientada pelo superintendente.

Todos tiveram a oportunidade de emitir opiniões. Foram feitas várias e interessantes intervenções. Aos próprios seminaristas que ainda não terminaram o primeiro ano do curso deu-se-lhes a oportunidade de falar.

Neste retiro, e pela primeira vez nesta terra pobre, foi dedicada uma tarde inteira à Acção Social. Isto é histórico, pois se harmoniza bem à filosofia do fundador da nossa denominação. Santidade e acção social estão relacionadas. Desejamos lembrar sempre que o Dr. Phineas F. Bresee deixou a denominação que amava para anunciar aos pobres o maravilhoso evangelho de Jesus Cristo. Foi deste modo que começou o grupo chamado IGREJA DO NAZARENO. Não podemos esquecer os pobres. "Acção social faz parte de um ministério equilibrado". Três pastores dissertaram: Revs. Daniel Barros, Álvaro B. Andrade e Armando de Sá Nogueira. Após cada dissertação houve perguntas e esclarecimentos.

Temos de destacar o Domingo passado no retiro. O Rev. Eugénio Rosa Duarte apresentou uma óptima lição da Escola Dominical, sabendo que falava para colegas, revelou-se autêntico professor. No culto devocional, o Rev. Paulo Stroud pregou uma das melhores mensagens por nós ouvidas sobre a Santa Ceia. À tardinha preencheu-se o tempo com o magno assunto da "Mesa Redonda"—COMO MELHORAR O MINISTÉRIO SAGRADO. Subordinou-se aos seguintes pontos: evangelismo pessoal, contacto directo; rotina; programação; alvos; variedade e criação de núcleos.

Tempo muito bem usado foi esse passado no Retiro de Pastores de 1985. Agora, aguardamos um retiro com esposas ou só para elas. Há boas perspectivas, para um futuro muito próximo. Não podemos olvidar a contribuição da irmã D. Gregória Pinto de Jesus, esposa do falecido pastor António Pinto de Jesus. Mostrou-se incansável, servindo como ecónoma e apoiando na cozinha.

Muito bem, o Retiro de S. Francisco foi inspiração e trabalho. Graças a Deus! □

—Armando de Sá Nogueira

DISTRITO NORDESTE DO BRASIL

A Primeira Igreja do Nazareno de João Pessoa, Paraíba, estava preparada para receber os irmãos de outras cidades. A 3 de Fevereiro de 1985, às 13:00 horas, começaram a chegar pastores, delegados e visitantes dos estados e capitais do Nordeste onde há Igrejas do Nazareno.

Às 15:00 horas, começaram as convenções. A do Departamento de Vida Cristã, sob a liderança de D. Ebe de Souza, apresentou com entusiasmo o seu relatório em forma de representação na qual todos parti-

cipamos, desde crianças até aos mais velhos. Logo depois, o Departamento de Missões apresentou também o seu relatório, no mesmo formato, com participação total. A presidente, D. Júnia Romera, relatou que conseguiram alcançar os alvos; e novos planos foram traçados.

Às 19:30 horas, com o templo superlotado, iniciou-se a convenção da Juventude. A alegria dos jovens era contagiante. Após as votações que reelegeram o presidente Rev. João Arthur de Souza, O Rev. Louie E. Bustle trouxe-nos uma edificante mensagem. O Espírito Santo apoderou-se do culto proporcionando a todos um tempo de bênçãos.

No dia seguinte, às 8:00 horas, o Rev. Louie Bustle presidiu à Assembleia Distrital, tendo tudo transcorrido normalmente e sem discórdias. Finalmente, o superintendente distrital, Rev. Terry Read, apresentou o seu relatório que foi apreciado com louvores ao nosso Deus! A despeito da crise económica que atravessa o Brasil, o crescimento foi notório, não só em número de vidas transformadas, como no campo financeiro. O nosso superintendente ressaltou o esforço conjunto dos pastores de todas as igrejas.

O Espírito de Santidade marcou o clima destes dias.
—João Arthur de Souza

A Assembleia do Distrito Nordeste em sessão plenária.

Mesa da presidência da Assembleia: (*Da esq. para a direita*) Revs. Jaime Kratz, Louie Bustle, Terry Read e João A. Souza.

RETIRO DE PASTORES DO DISTRITO RIO/SÃO PAULO—BRASIL

Estamos no Itaici. O propósito é o de iniciar mais um retiro de pastores. Consoante o desafio do superintendente, Rev. Joaquim António Lima, não deve ser apenas mais um retiro, mas a oportunidade de cada pastor ser uma bênção para o colega de ministério.

A Igreja do Nazareno no Distrito Rio/São Paulo, vem passando por uma intensa retomada de posição por parte de seus pastores. Eles vêem diante de si uma vasta terra com milhares de cidades e milhões de pessoas carecendo da oportunidade de conhecer a Cristo.

Que fazer para alcançar um país que é em extensão territorial a metade da América do Sul e, em terras contínuas, o quarto maior do planeta?

Que fazer para alcançar um país que apresenta portas totalmente abertas ao evangelho, mas tem poucos obreiros disponíveis para pregar o Cristo que salva, liberta, cura, transforma e santifica!

Algumas igrejas no Distrito já vêm implementando há algum tempo o programa de igreja gerando outra igreja, mas este retiro impressionou de forma especial o coração de cada pastor. O Rev. Louie Bustle trouxe o desafio para o desenvolvimento da obra no Brasil, de forma explosiva, partindo da renovação dos alvos e métodos dos pastores nacionais: "Cada nazareno ganhando mais um nazareno; cada igreja local produzindo, no ano, mais uma igreja local; e cada pastor desafiando e preparando mais um pastor".

A Igreja do Nazareno no Brasil vive dias de crescimento em que seus marcos antigos são cada dia mais fortalecidos e alargados.

Um dos meios para o alcance dos alvos é o de mil pastores preparados no Instituto Bíblico Nazareno e cem pastores preparados no Seminário. O sonho já se torna realidade. Que Deus continue derramando Suas bênçãos.

Itaici, local onde funciona o CNBB (Concelho Nacional dos Bispos do Brasil), antigo seminário católico romano e local de renovação dentro da Igreja Católica, passa a ser um novo marco também na história da Igreja do Nazareno do Brasil—ali foi detonada a bomba de expansão do evangelismo nacional.

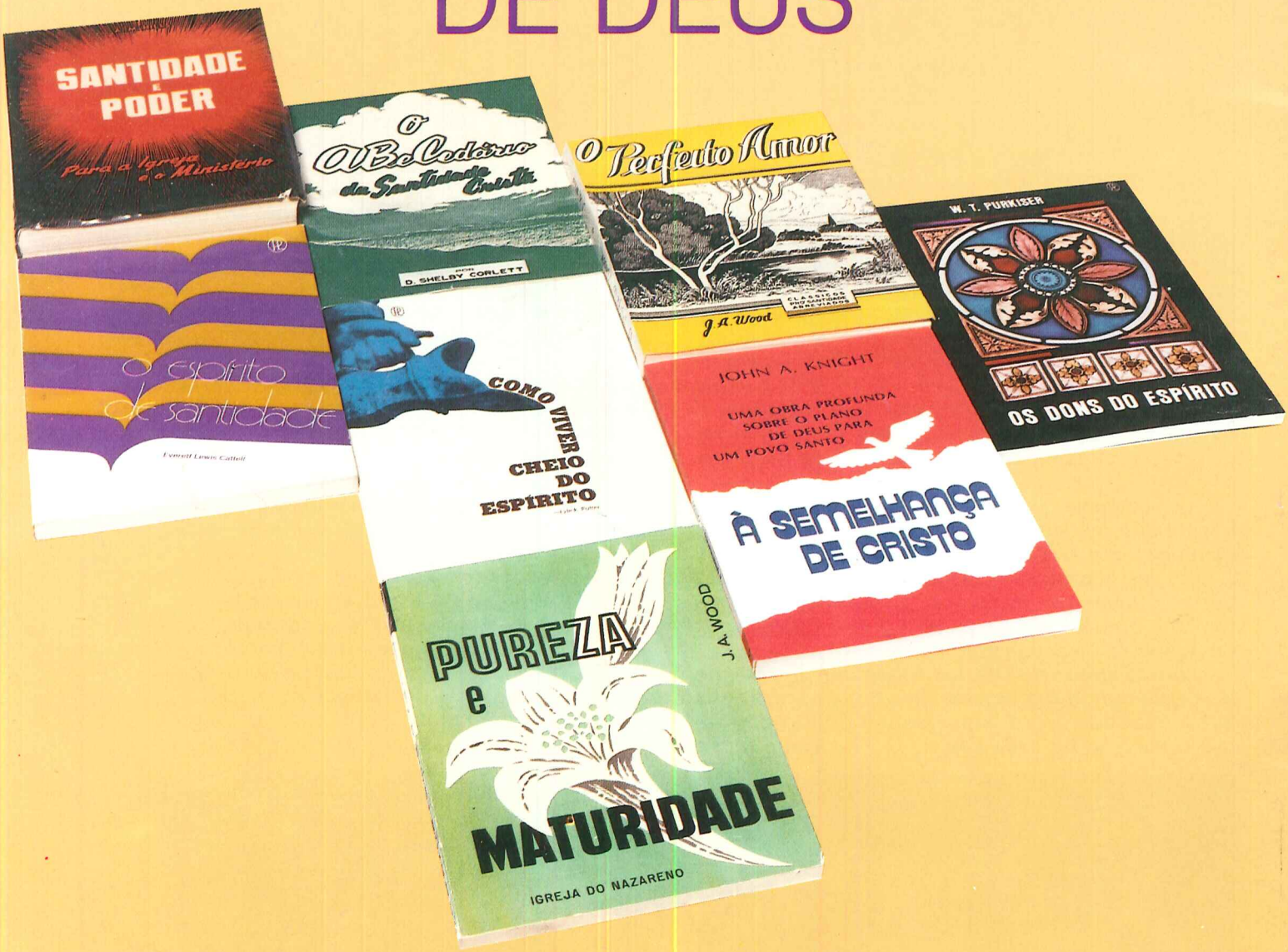
Deus seja honrado! □
—Luiz Carlos Rocha Oliveira

Participantes do Retiro.

SECOND-CLASS POSTAGE PAID AT KANSAS CITY, MISSOURI—OCTOBER, 1985

Leia obras consagradas sobre este tema vital:

SANTIDADE
A EXIGÊNCIA DE DEUS



Encomende hoje à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES.